

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

IURI PRUNI RODRIGUES

**AS MOEDAS DIGITAIS NA DISPUTA PELA ORDEM MONETÁRIA
INTERNACIONAL ENTRE CHINA E ESTADOS UNIDOS**

CAXIAS DO SUL

2025

IURI PRUNI RODRIGUES

**AS MOEDAS DIGITAIS NA DISPUTA PELA ORDEM MONETÁRIA
INTERNACIONAL ENTRE CHINA E ESTADOS UNIDOS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientador TCC I: Prof. Me. Simone Fonseca de
Andrade Klein

Orientador TCC II: Prof. Me. Simone Fonseca de
Andrade Klein

CAXIAS DO SUL

2025

IURI PRUNI RODRIGUES

**AS MOEDAS DIGITAIS NA DISPUTA PELA ORDEM MONETÁRIA
INTERNACIONAL ENTRE CHINA E EUA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Aprovado em: 04/12/2025.

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Me. Simone Fonseca de
Andrade Klein
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Dr Guilherme Bergmann B. Vieira
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr Rafael de Lucena Perini
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço, aos meus pais, Rogério e Inez, que, além da educação e dos valores transmitidos em casa, sempre me incentivaram a estudar e a buscar meu desenvolvimento por meio da educação formal. Este trabalho é também fruto do apoio, dos ensinamentos e da dedicação de vocês, que sempre me incentivaram e acreditaram em mim.

Agradeço à professora e orientadora Simone Fonseca de Andrade Klein por toda a paciência, dedicação e pelos valiosos ensinamentos e conselhos ao longo deste percurso. Sua orientação foi essencial para a realização e o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço, ainda, aos demais professores e colegas da universidade pelo conhecimento, pelas experiências compartilhadas e pela convivência ao longo da jornada acadêmica.

RESUMO

No contexto dos negócios internacionais, as moedas digitais emergem como uma inovação com potencial para promover mudanças significativas no sistema monetário internacional. Essa tendência é evidenciada pelo avanço dos projetos de moedas digitais emitidas por bancos centrais (CBDCs), com destaque para o e-CNY, iniciativa liderada pela China, que, juntamente com o desenvolvimento das Stablecoins, principalmente lideradas por aquelas lastreadas no dólar dos Estados Unidos, sinalizam possíveis transformações nos sistemas de pagamentos globais. Nesse contexto, marcado pela hegemonia do dólar americano como principal moeda no comércio internacional, torna-se pertinente analisar as implicações desse cenário em transformação. Este estudo teve como objetivo discutir o papel das moedas digitais na disputa econômico-monetária entre China e Estados Unidos. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de nível exploratório, com base em pesquisa bibliográfica e observação em evento com especialistas na área de moedas digitais e do mercado financeiro. Os resultados revelaram que, embora o tema enseje novos estudos e regulamentações, até por sua contemporaneidade, as moedas digitais estão avançando para aplicações práticas no comércio internacional, com empresas brasileiras já realizando transações nesse formato. No cenário global, China e Estados Unidos seguem estratégias distintas, coerentes com seus perfis político-econômicos, a China, mais centralizada, investe fortemente no desenvolvimento de sua CBDC, enquanto os Estados Unidos, de perfil mais liberal, estimulam o uso de stablecoins lastreadas em dólar.

PALAVRAS-CHAVES: Moedas digitais. *Stablecoin*. CBDC. China. Estados Unidos

ABSTRACT

In the context of international business, digital currencies are emerging as an innovation with the potential to drive significant changes in the international monetary system. This trend is evidenced by the advancement of central bank digital currency (CBDC) projects, particularly the e-CNY, an initiative led by China, which, together with the development of stablecoins, especially those backed by the U.S. dollar, signals possible transformations in global payment systems. In this context, marked by the hegemony of the U.S. dollar as the main currency in international trade, it becomes pertinent to analyze the implications of this evolving scenario. This study aimed to discuss the role of digital currencies in the economic and monetary competition between China and the United States. To this end, a qualitative exploratory study was conducted, based on a literature review and observation at an event featuring specialists in digital currencies and the financial market. The results revealed that, although the topic calls for further studies and regulatory developments due to its contemporary nature, digital currencies are advancing toward practical applications in international trade, with Brazilian companies already conducting transactions in this format. In the global landscape, China and the United States follow distinct strategies consistent with their political-economic profiles: China, with a more centralized system, is investing heavily in the development of its CBDC, while the United States, with a more liberal profile, encourages the use of dollar-backed stablecoins.

KEY-WORDS: Digital currencies. *Stablecoin*. CBDC. China. United States

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	9
1.2 OBJETIVO GERAL	10
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
1.4 JUSTIFICATIVA	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 MERCADO MONETÁRIO INTERNACIONAL	13
2.2 MOEDAS DIGITAIS	17
2.2.1 Criptomoedas (Criptoativos).....	19
2.2.2 Stablecoins	20
2.2.3 Central Bank Digital Currency (CBDC).....	21
2.3 HEGEMONIA ECONÔMICO-MONETÁRIA ESTADOS UNIDOS E CHINA	24
2.4 SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL.....	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
3.1 NATUREZA	40
3.2 NÍVEL	40
3.3 ESTRATÉGIAS	41
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	42
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	43
3.6 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	45
4.2 OBSERVAÇÃO EM EVENTO	54
4.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5.1 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE A - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO	69

1 INTRODUÇÃO

Antes do advento do atual sistema financeiro baseado em moedas fiduciárias, em que a confiança no emissor é o principal alicerce para a aceitação da moeda, diversas formas foram utilizadas para viabilizar as trocas comerciais. Inicialmente, essas trocas ocorriam por meio do escambo, ou seja, a permuta direta de bens e serviços. Conforme descrito por Nedel (2019), com o tempo, objetos como conchas, sal e metais passaram a ser usados para realizar pagamentos, exercendo as funções básicas da moeda: meio de troca, reserva de valor e unidade de conta. As primeiras moedas, nos moldes modernos, surgiram na Lídia (atual Turquia) no século VII a.C., cunhadas em ouro e prata e representando valores específicos (Casa da Moeda do Brasil, 2015).

No cenário atual do comércio internacional, observa-se a hegemonia do dólar como principal moeda de referência global. Desde o colapso do sistema de Bretton Woods, em 1971, o dólar norte-americano consolidou-se como a principal moeda utilizada em transações comerciais, contratos financeiros e reservas cambiais ao redor do mundo. Essa centralidade confere aos Estados Unidos uma posição privilegiada no sistema econômico internacional, pois controlar a principal moeda do comércio global é, também, uma forma de exercer poder e influência sobre a dinâmica mundial (Silva, 2016).

Recentemente, os avanços tecnológicos têm promovido mudanças significativas na forma como o dinheiro é concebido, armazenado e transacionado. Nesse contexto, as moedas digitais emergem como uma inovação disruptiva no sistema financeiro global, oferecendo alternativas às formas tradicionais de moeda e abrindo novas possibilidades para investimentos, reservas de valor e pagamentos. A principal moeda digital em destaque atualmente é o Bitcoin, cuja visibilidade global o consolidou como um ativo digital relevante. No entanto, outras moedas também despontam com potencial significativo para influenciar o cenário monetário internacional, como é o caso da *Tether* (USDT), uma *stablecoin*, e das moedas digitais emitidas por bancos centrais (conhecidas como CBDCs), que vêm sendo desenvolvidas por diversas nações. A ascensão dessas novas formas de dinheiro digital tem potencial para remodelar as dinâmicas do comércio internacional, alterar fluxos financeiros globais e impactar diretamente a arquitetura da ordem monetária internacional (Ragazzo; Cataldo, 2021).

No Brasil, o desenvolvimento de uma moeda digital emitida pelo Banco Central do Brasil está em curso, o Drex, busca ser a versão digital do real brasileiro. O projeto encontra-se na fase piloto, com foco na testagem de uma plataforma baseada em tecnologia de registros distribuídos (DLT) para simular transações com ativos financeiros *tokenizados*. Essa etapa contempla a implementação de funcionalidades como contratos inteligentes e mecanismos de privacidade, buscando garantir tanto a eficiência das operações quanto a proteção dos dados dos usuários (BCB, 2025). Além dos aspectos técnicos, o projeto Drex tem gerado debates significativos na sociedade, na mídia e nas academias, abordando suas possíveis implicações para a economia, a inclusão financeira e a privacidade dos cidadãos.

Para tanto, partindo-se do contexto histórico e monetário internacional e da contemporaneidade tecnológica neste setor, esta pesquisa foi estruturada da seguinte forma: a presente Introdução tem como objetivo contextualizar o tema, destacando sua relevância e justificativa, além de apresentar a pergunta de pesquisa e os objetivos do estudo. No segundo capítulo, será desenvolvido o referencial teórico, que reúne conceitos e discussões presentes na literatura acadêmica (como livros, artigos científicos, periódicos especializados, dissertações e teses), com o intuito de embasar e aprofundar a análise proposta. Em seguida, no terceiro capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos, descrevendo os métodos e tipos de pesquisa utilizados, bem como a natureza do estudo. No quarto capítulo, será realizada a análise dos dados e dos resultados obtidos, com base no problema central da pesquisa. Por fim, o trabalho será encerrado no quinto capítulo, contendo as considerações finais, na qual serão sintetizados os principais pontos discutidos ao longo do estudo e apresentadas possíveis contribuições e caminhos para pesquisas futuras.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Nos últimos anos, tem se intensificado o debate em torno da disputa entre China e Estados Unidos pela liderança na ordem econômica e monetária internacional. Trata-se de um confronto entre as duas maiores economias do mundo, que se manifesta em diversas frentes, como tecnologia, ciência, poder militar, política e economia. Nas mídias digitais, o cientista político Hélio Oliveira Costa (também conhecido por Professor HOC) tem ganhado destaque ao analisar a escalada dessa

rivalidade e suas implicações geopolíticas. A recente retomada da disputa tarifária entre os dois países, no início de 2025, marcada por novas medidas protecionistas, exemplifica como essa tensão está em curso e tende a se aprofundar, refletindo diretamente no debate sobre a possível reconfiguração da hegemonia monetária global.

Neste atual cenário de rivalidade crescente entre China e Estados Unidos, o campo das moedas digitais tem se mostrado um novo e estratégico terreno de disputa. A criação de CBDCs e a ascensão das *stablecoins* representam não apenas inovações tecnológicas no setor financeiro, mas também instrumentos potenciais de influência geopolítica, em um movimento que remete à lógica da Guerra Fria, no qual a disputa entre potências vai além do campo militar, alcançando também as esferas econômica e tecnológica. Enquanto os Estados Unidos concentram grande parte da emissão e circulação de *stablecoins*, como a Tether (USDT), utilizando o dólar americano como lastro, a China avança no desenvolvimento e implementação do yuan digital, buscando ampliar sua aceitação internacional e reduzir a dependência do dólar nas transações globais. De acordo com Tolotti (2024), tanto as CBDCs quanto as *stablecoins* são vistas como mecanismos capazes de alterar o equilíbrio de poder no sistema financeiro internacional.

Diante do exposto, considerando a intensificação da disputa hegemônica entre China e Estados Unidos, aliada ao avanço das moedas digitais no cenário internacional, este estudo propõe a seguinte questão-problema: Qual o papel das CBDCs e *stablecoins* na disputa pela ordem monetária internacional entre China e Estados Unidos?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar e discutir o papel das CBDCs e *stablecoins* na disputa pela ordem monetária internacional entre China e Estados Unidos.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar aspectos históricos e contemporâneos do sistema monetário internacional;
- b) Identificar as características das moedas digitais, com foco nas *stablecoins* e CBDCs;

- c) Analisar o atual cenário das moedas digitais internacionais, contemplando o período de 2019 até 2025;
- d) Discutir a escalada da disputa econômico-monetária entre EUA e China a partir do processo de abertura comercial chinesa.

1.4 JUSTIFICATIVA

A sociedade tem discutido os possíveis impactos das moedas digitais na economia global. Para se ter uma dimensão do crescimento desse mercado, em 2015 o valor de capitalização das criptomoedas era de aproximadamente 3,58 bilhões de dólares, enquanto em 2024 esse montante atingiu cerca de 3,45 trilhões de dólares, um aumento expressivo de aproximadamente 96.269% (TradingView, 2025). Segundo Billig e Grzybovski (2022), embora as moedas digitais ainda não substituam as moedas fiduciárias, elas vêm exercendo um papel complementar na economia contemporânea. Os autores observam que, sob a ótica do Bitcoin, sua principal função tem sido a de ativo especulativo, o que dificulta sua adoção como meio de troca. Em contrapartida, destacam que as *stablecoins*, moedas digitais lastreadas em ativos fiduciários, apresentam potencial para superar essa limitação e ampliar a usabilidade das moedas digitais no cotidiano.

A disputa hegemônica entre China e Estados Unidos é uma temática amplamente debatida nas últimas décadas, especialmente diante das transformações geopolíticas e econômicas do século XXI. O economista Osvaldo Rosales (2022) analisa essa crescente rivalidade para além de uma mera guerra comercial, interpretando-a como uma competição estratégica pela liderança tecnológica global. Tal disputa se manifesta nos esforços dos Estados Unidos para conter o avanço chinês em setores considerados estratégicos, como inteligência artificial, semicondutores, redes 5G e biotecnologia, além de exercer pressão sobre aliados para limitarem a atuação de empresas chinesas nesses mercados. Em contrapartida, a China adota a estratégia da “dupla circulação”, que busca fortalecer o mercado interno e a inovação tecnológica doméstica, reduzindo sua dependência de insumos e tecnologias estrangeiras, ao mesmo tempo em que mantém a inserção seletiva no mercado internacional. Nesse contexto, os Estados Unidos buscam reduzir sua dependência da China, especialmente em cadeias de suprimento consideradas sensíveis. O cenário atual revela uma competição de longo prazo, com implicações geopolíticas profundas e riscos para a governança econômica global (Rosales, 2022).

Apesar dos avanços recentes, ainda há muito a ser explorado quanto ao papel das moedas digitais no contexto da disputa hegemônica entre China e Estados Unidos. Segundo Peruffo, Cunha e Bichara (2024), a moeda digital chinesa, quando articulada aos avanços tecnológicos do país e às parcerias com outras economias emergentes, pode representar uma estratégia viável para ampliar a presença internacional do renminbi (moeda chinesa, também conhecida por yuan). No entanto, no curto prazo, o Dólar continua a exercer sua hegemonia global, sustentado por fatores materiais, como o tamanho do PIB, a relevância no comércio internacional e a centralidade no sistema financeiro global, bem como por elementos estruturais e institucionais, como a confiança dos agentes econômicos, a robustez das redes globais de pagamento e o poder coercitivo exercido pelos Estados Unidos.

Compreender como essas tecnologias estão sendo estrategicamente desenvolvidas e utilizadas por cada país permite lançar luz sobre um novo eixo de competição. As moedas digitais, sejam emitidas por bancos centrais (CBDCs) ou por atores privados (*stablecoins*), têm o potencial de remodelar os sistemas de pagamentos internacionais, reduzir a dependência do dólar e influenciar diretamente o comércio global, tornando-se um instrumento geopolítico de crescente relevância (Peruffo; Cunha; Bichara, 2024).

Nesse sentido, o presente estudo mostra-se pertinente ao investigar uma temática atual e em expansão, cujos efeitos já começam a ser sentidos por empresas, instituições financeiras e governos. Além de refletir mudanças em curso no sistema monetário internacional, o avanço das moedas digitais representa uma oportunidade para analisar os desafios e as possíveis rupturas que tais inovações podem gerar. Assim, ao abordar as implicações geopolíticas e econômicas das moedas digitais no cenário da disputa entre China e EUA, este trabalho contribui para a compreensão crítica das transformações que moldam a economia internacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico foi estruturado em três grandes tópicos que fundamentam a pesquisa em relação aos objetivos propostos. Inicialmente, será abordado o sistema monetário internacional, desde sua evolução histórica até o cenário contemporâneo. Em seguida, serão analisadas as moedas digitais, com ênfase em suas principais características e especial atenção às *stablecoins* e às moedas digitais de bancos centrais (CBDCs), que constituem o foco central deste estudo. Por fim, serão examinadas fontes que possibilitem a análise da disputa hegemônica entre Estados Unidos e China. Dessa forma, busca-se construir uma base teórica sólida para alcançar os objetivos estabelecidos.

2.1 MERCADO MONETÁRIO INTERNACIONAL

Antes da consolidação de um sistema monetário complexo, baseado em confiança e reservas internacionais, as transações comerciais eram realizadas por meio do escambo. Segundo Nedel (2019), esse sistema consistia na troca direta de mercadorias, sem a utilização de qualquer forma de moeda, sendo viabilizado quando dois indivíduos possuíam necessidades complementares que podiam ser supridas mutuamente. Por exemplo, um produtor de maçãs poderia negociar com um costureiro para adquirir roupas, desde que este também tivesse interesse nas maçãs. No entanto, a principal limitação desse modelo era justamente a necessidade da chamada "dupla coincidência de desejos", ou seja, a troca só seria possível se ambos desejassem exatamente o que o outro tinha a oferecer (Silva, 2017). Essa forma de comércio perdurou por muito tempo até o surgimento e consolidação das primeiras moedas.

Inicialmente, diversas mercadorias passaram a ser utilizadas como forma de troca, configurando o que Nedel (2019) denomina de "moedas-mercadoria". Entre os exemplos mais comuns estavam os grãos, as conchas, o sal, este utilizado pelo Império Romano como forma de pagamento aos soldados, o que originou o termo "salário", e o gado, em latim "*pecus*", utilizado na produção de leite e derivados, que deu origem à palavra "pecúnia", um sinônimo para dinheiro (Nedel, 2019). As moedas desempenham três funções econômicas fundamentais: a primeira é a de meio de troca, viabilizando o comércio, assim o vendedor entrega seu produto e recebe moeda

em troca; a segunda é a de reserva de valor, ligada diretamente à estabilidade da moeda, pois representa a confiança de que ela manterá seu poder de compra ao longo do tempo; a terceira função, como unidade de conta, servindo de referência para valores de bens e serviços dentro da economia (Silva, 2017).

Nessas condições, em meados do século XVI, durante o período conhecido como Mercantilismo, marcado pelas grandes navegações, colonização de territórios na América e na África, e expansão do comércio internacional, moedas e práticas de escambo coexistiam como ferramentas para transações. Esse período antecedeu a disseminação do papel-moeda e foi fortemente influenciado pela crença de que o poder e a riqueza das nações eram medidos pelo acúmulo de metais preciosos, especialmente ouro e prata (Vasconcellos; Braga, 2023). Como destaca Suprinyak (2009), nesse contexto, existia na Europa um sistema monetário denominado bimetalismo, no qual tanto o ouro quanto a prata eram efetivamente cunhados e circulavam nas transações comerciais sob a forma de moedas metálicas.

Em seguida, próximo ao final da segunda guerra mundial, um novo sistema monetário foi instaurado. Em Julho de 1944, uma conferência com duração de 3 semanas reunia economistas de 44 nações para discutir normas para gerir a economia mundial, e a reconstrução dos países afetados pelo grande conflito. Assim, o denominado Acordo de Bretton Woods estabeleceu o sistema “Padrão dólar-ouro”, onde o dólar americano foi lastreado em ouro, 35 dólares eram convertidos a uma onça troy de ouro, enquanto a moeda dos outros países eram convertidas de acordo com suas reservas em dólar (Kilsztajn, 2024). Além disso, o Acordo promoveu a criação de instituições influentes na economia global, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

Desta maneira, Dathein (2003) indica que a fragilidade dos países europeus no período, e a força dos poderes econômico, político e militar dos EUA impuseram o dólar como a moeda internacional. Destacando que a eficiência deste sistema dependia da taxa fixada da conversão de dólar em ouro, esta era endossada pela promessa dos EUA de trocar por ouro todo dólar devolvido por outros países. O que funcionou de maneira eficiente até o início de 1960, e ajudou na chamada Pax Americana, o desenvolvimento da hegemonia econômica, militar e política (Dathein, 2003).

Entretanto, no início de 1960 com a reconstrução dos países europeus, a força industrial de Reino Unido e Japão, com estes países passando a competir com a produtividade dos EUA, fez com que a balança comercial e de pagamentos americana apresentassem retrações. A queda econômica dos Estados Unidos na década de 60 fez com que outros países desconfiassem da conversibilidade da reserva de ouro americana, tanto que em 1965 o presidente francês, Charles De Gaulle anunciou que a França trocava todos os dólares em seu poder por ouro, provocando uma corrida contra a moeda americana (Bandera, 2014).

Dathein (2003, p. 8) apresenta o cenário do que seria o fim do Acordo de Bretton Woods, com as medidas do Ex-presidente americano Richard Nixon:

Em 1970 e 1971, o fluxo de dólares ao exterior multiplicou-se, gerando maior instabilidade, e, em agosto de 1971, as reservas dos EUA caíram abaixo do nível psicologicamente crítico de US\$ 10 bilhões. Neste momento, Nixon anunciou uma série de medidas, entre elas a suspensão da conversibilidade do dólar em ouro.

Portanto Bandera (2014) conclui que o Acordo de Bretton Woods foi de fundamental importância para reerguer a ordem econômica e financeira capitalista do imediato pós-guerra, mas não foi suficiente a partir do momento em que outros países fortalecem sua força industrial, em destaque para Inglaterra e Japão, que passaram a competir economicamente com os EUA e geraram um estágio e um ritmo de competição menos desigual por divisas.

Após o colapso do Acordo de Bretton Woods, instaurou-se o sistema monetário fiduciário, também conhecido como moeda *fiat*, no qual o dinheiro deixou de possuir lastro em ativos tangíveis, como o ouro, passando a ter seu valor sustentado unicamente pela confiança dos agentes econômicos em sua aceitação como meio de pagamento e reserva de valor (Farhi, 2014).

No contexto atual, ainda se tem a presença do dólar como padrão do comércio internacional, porém com a transição para um padrão “dólar-flexível”, onde as moedas estão sujeitas às variações cambiais de um sistema monetário globalizado, em relação ao uso das moedas em todas as suas funções clássicas (meio de pagamento, unidade de conta e reserva de valor), o dólar mantém sua hegemonia global bem definida, tanto em âmbito privado como público (Sonoda, 2014).

Tabela 1 — Giro (turnover) nos mercados cambiais globais - participação das moedas (Média diária, em porcentagem)

	2001	2004	2007	2010	2013	2016	2019	2022
	%	%	%	%	%	%	%	%
USD	89,9	88,0	85,6	84,9	87,0	87,6	88,3	88,4
EUR	37,9	37,4	37,0	39,0	33,4	31,4	32,3	30,5
JPY	23,5	20,8	17,2	19,0	23,0	21,6	16,8	16,7
GBP	13,0	16,5	14,9	12,9	11,8	12,8	12,8	12,9
CNY	0,0	0,1	0,5	0,9	2,2	4,0	4,3	7,0
AUD	4,3	6,0	6,6	7,6	8,6	6,9	6,8	6,4
CAD	4,5	4,2	4,3	5,3	4,6	5,1	5,0	6,2
CHF	6,0	6,0	6,8	6,3	5,2	4,8	4,9	5,2
HKD	2,2	1,8	2,7	2,4	1,4	1,7	3,5	2,6
Outras	11,0	11,7	15,6	15,8	19,7	20,2	21,5	19,3
Total	200	200	200	200	200	200	200	200

Fonte: Foreign Exchange Triennial Survey/BIS 2022.

A Tabela 1 mostra a contínua alta participação da moeda americana ao longo dos anos, com sua representatividade permanecendo consistentemente acima de 84% nas transações internacionais. Em 2001, essa participação era de 89,9%, e, no relatório mais recente, de 2022, uma leve queda para 88,4%. Um dado de destaque na tabela é o crescimento da participação da moeda chinesa nas últimas décadas. Em 2004, a participação do renminbi era de apenas 0,1%, enquanto em 2022 ela alcançou 7,0%. Apesar desse aumento expressivo, é importante observar que a ascensão do renminbi não está diretamente associada a uma substituição do dólar ou a um desafio à sua posição hegemônica no sistema financeiro global.

A esse respeito Eichengreen (2022, p.27) sintetiza o atual cenário de dominância do dólar em relação aos pagamentos via SWIFT, e compara com a participação da moeda chinesa:

Países como a China veem a emissão de uma moeda digital de banco central (CBDC) como uma maneira de aumentar a atratividade internacional de suas moedas e reduzir a dominância do dólar. Em meados de 2021, 40% de todos os pagamentos internacionais liquidados pela Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (SWIFT — o equivalente internacional do Fedwire, que é propriedade e operado pelas instituições financeiras associadas) foram transferências em dólares. Isso apesar do fato de que os Estados Unidos representam apenas um sétimo do PIB global, em termos de paridade de poder de compra (ou ajustados por preços). Em contraste, transferências usando a moeda da China, o renminbi, representaram menos de 2% dos pagamentos internacionais.

A hegemonia do dólar pode ser explicada pela combinação de poder econômico e político do país emissor. No âmbito econômico, destacam-se o Produto Interno Bruto (PIB), a participação no comércio internacional e o tamanho do mercado de capitais, enquanto os aspectos políticos envolvem a força militar e a solidez das instituições internas, características que os Estados Unidos possuem em sua posição global. Além disso, a continuidade dessa hegemonia também é favorecida pela inércia gerada pela necessidade de uma moeda padrão, função que o dólar tem desempenhado ao longo das últimas décadas, mantendo assim sua influência global (Peruffo; Cunha; Bichara, 2024).

2.2 MOEDAS DIGITAIS

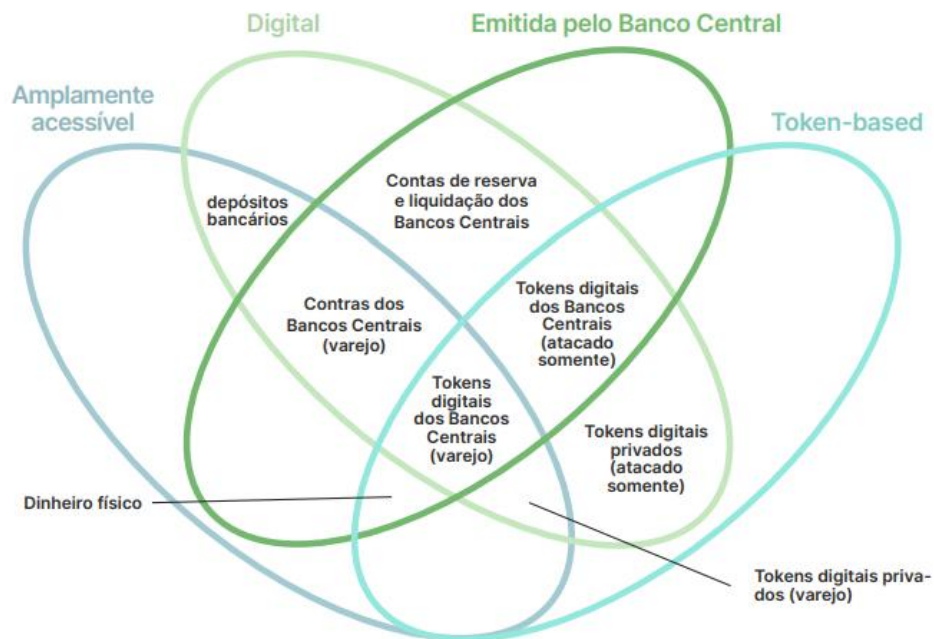
Para melhor compreensão do cenário das moedas digitais no atual contexto, é preciso compreender as particularidades de cada categoria. Para Grasselli e Lipton (2021) e Peruffo, Cunha e Bichara (2024) as moedas digitais podem ser divididas em três agrupamentos: Criptomoedas, ou Criptoativos, moedas de ativos puros como Bitcoin e Ethereum são economicamente mais semelhantes a metais preciosos e *commodities*, que são mantidos principalmente para fins especulativos e de *hedge* (estratégia de proteção contra a volatilidade ou perdas financeiras). *Stablecoins*, como Tether, USD Coin e BRZ são funcionalmente mais próximas de depósitos bancários convencionais, contando assim com a saúde financeira da instituição que as emite para liquidez e estabilidade. Por fim, as CBDCs, são um tipo de moeda digital mais próxima do dinheiro convencional (Grasselli; Lipton, 2021; Peruffo; Cunha; Bichara, 2024).

As moedas digitais já estão presentes no comércio internacional, sendo utilizadas por diversas empresas multinacionais como apontado pelo estudo da Pymnts em conjunto com a Circle, 58 % das empresas que operam em vários países usam pelo menos uma forma de criptomoeda, ainda destacam que estas empresas têm muito mais probabilidade de usar criptomoedas e a tecnologia de *blockchain* (uma tecnologia de registro digital descentralizado que armazena dados de forma segura e transparente) para fins transacionais do que para fins de investimento (Pymnts, 2021).

Por sua vez, Bech e Garratt (2017), propõem uma estrutura analítica para a identificação de uma moeda, conforme ilustrado na Figura 1. A primeira propriedade

diz respeito ao emissor, sendo considerada centralizada quando a emissão é realizada por uma instituição pública, como o Banco Central. A segunda propriedade refere-se à forma da moeda, que pode ser física ou digital. A terceira é a acessibilidade, que distingue moedas de uso universal, acessíveis ao público em geral, daquelas de uso restrito, destinadas exclusivamente a bancos centrais e instituições financeiras. Por fim, a quarta propriedade trata da tecnologia empregada, que pode estar baseada em sistemas de tokenização ou em registros vinculados a contas (Bech; Garratt, 2017).

Figura 1 — Money Flower: Uma taxonomia da moeda



Fonte: Ragazzo e Cataldo (2021).

Dessa forma, torna-se possível identificar com maior clareza as diferenças entre as novas moedas digitais, como as criptomoedas, *stablecoins* e CBDCs, e as moedas fiduciárias tradicionais, em depósitos bancários e as reservas mantidas em contas nos bancos centrais. Ragazzo e Cataldo (2021) evidenciam que a principal distinção entre esses dois grupos está na tecnologia, enquanto as moedas fiduciárias operam com base em sistemas de contas, as moedas digitais utilizam a tecnologia baseada em tokens, assim, os tokens representam unidades de valor que circulam de forma semelhante ao dinheiro em espécie, sem depender de uma conta bancária para

serem transferidos, enquanto os sistemas baseados em contas exigem a identificação do titular e o registro das transações em uma conta mantida por uma instituição financeira. Outro aspecto relevante se refere às diferenças entre as moedas digitais. Para os autores Ragazzo e Cataldo (2021) criptomoedas e *stablecoins*, classificadas como tokens digitais privados, são caracterizadas por sua ampla acessibilidade, descentralização e emissão por entes privados. Por outro lado, as CBDCs podem ser estruturadas em duas modalidades distintas: a CBDC de varejo, voltada ao uso pela população em geral, com acessibilidade universal por meio de carteiras digitais; e a CBDC de atacado, de acesso restrito, destinada exclusivamente às transações entre bancos centrais e instituições financeiras (Ragazzo; Cataldo, 2021).

A SWIFT (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*), rede global que conecta mais de 11 mil instituições financeiras em mais de 200 países, anunciou, por meio de seu canal oficial, a realização de testes em 2025 para uma nova solução voltada à interoperabilidade entre diferentes plataformas de ativos digitais (Swift, 2024). No comunicado, a empresa esclarece que o objetivo da iniciativa é permitir que instituições financeiras utilizem a infraestrutura existente da SWIFT para realizar transações de liquidação, envolvendo uma variedade de ativos digitais tokenizados e moedas digitais, tanto as tradicionais quanto as emergentes, caso das CBDCs. Essa abordagem visa superar o desafio atual da fragmentação entre múltiplas redes e plataformas de ativos digitais, criando um modelo unificado de conectividade que proporcione maior eficiência, escalabilidade e segurança às transações internacionais envolvendo ativos digitais (Swift, 2024).

2.2.1 Criptomoedas (Criptoativos)

Segundo a B3 (2025), criptoativos são representações digitais de valor que utilizam tecnologias criptográficas (convertem informações em um formato inacessível para evitar que pessoas não autorizadas acessem) e redes descentralizadas, como o *blockchain*. A B3 complementa que esses ativos digitais podem ter diferentes funções, como atuar como meio de troca, servir como reserva de valor ou oferecer utilidade em plataformas específicas. O principal representante desta categoria é o Bitcoin, mas existem outros representantes também populares, como Ethereum, Solana e Binance Coin. Os criptoativos representam uma revolução no mundo financeiro, pois oferecem novas possibilidades de transações, investimentos e inovação tecnológica. Porém, a

bolsa de valores brasileira alerta que esse mercado exige cuidado e conhecimento, dada sua volatilidade e os riscos associados. Com o avanço da regulamentação e com cada vez mais investidores, os criptoativos têm potencial para transformar setores inteiros da economia, mas ainda demandam cautela e educação financeira para serem utilizados de forma eficaz (B3, 2025).

Em 2008, em meio a um cenário de forte instabilidade no sistema financeiro global, o desenvolvedor Satoshi Nakamoto propôs a criação do Bitcoin, uma moeda digital que permitiria transações diretas entre indivíduos pela internet, de maneira segura e sem a necessidade de intermediários financeiros, como bancos ou instituições governamentais. A proposta de Nakamoto visava oferecer uma alternativa descentralizada, baseada em princípios de criptografia e *blockchain* (Nakamoto, 2008). No entanto, ao longo dos anos, o Bitcoin passou a ser percebido também como um ativo de alto valor especulativo. Para ilustrar essa volatilidade, em 2014 o preço de 1 Bitcoin girava em torno de 800 dólares, enquanto em dezembro de 2024, atingiu aproximadamente 94.716 dólares (Investing, 2025). Essa variação expressiva evidencia não apenas o aumento do interesse no Bitcoin como reserva de valor e objeto de investimento, mas também os riscos e a instabilidade que ainda permeiam o mercado de criptoativos.

O Bitcoin, apesar de seu avanço no mercado financeiro, ainda enfrenta importantes riscos que dificultam sua consolidação como uma moeda de uso amplo. Destacam-se como principais ameaças: a volatilidade dos preços, que gera incerteza e insegurança para investidores; o risco de roubo digital, uma vez que *exchanges* e carteiras virtuais permanecem vulneráveis a ataques cibernéticos; a prática de fraudes envolvendo esquemas ilícitos e corretoras falsas; e a utilização ainda restrita do Bitcoin no comércio global, limitando seu potencial como meio de troca eficiente e universal (Moraes, 2021).

2.2.2 Stablecoins

Como observa Moraes (2021), a excessiva volatilidade das criptomoedas dificulta seu uso em transações comerciais tradicionais, como na compra de produtos e serviços. Para enfrentar essa limitação, foram lançadas as *stablecoins*, moedas digitais que buscam reduzir a volatilidade ao serem lastreadas em ativos estáveis. Algumas *stablecoins* são garantidas por *commodities*, como ouro, prata ou outros

metais preciosos; outras, por moedas fiduciárias utilizadas em transações internacionais, como o dólar americano, o euro ou o franco suíço.

Em ambos os casos, a empresa emissora da *stablecoin* é responsável por manter ativos reais como garantia, assegurando, a estabilidade do valor da moeda digital. Além disso, as *stablecoins* representam uma solução para as bolsas de criptomoedas no que se refere à conversão de moedas fiduciárias em criptomoedas, processo que pode ser oneroso e demorado devido às taxas envolvidas. Dessa forma, a manutenção de reservas em *stablecoins* permite reduzir os custos e a frequência dessas conversões, otimizando as operações no mercado de criptoativos (Moraes, 2021).

Dentre as diversas *stablecoins* disponíveis no mercado, lastreadas em diferentes tipos de ativos, destacam-se a USDT (Tether) e a USDC (USD Coin), moedas lastreadas em dólar, que lideram em termos de adoção e liquidez (Mynt, 2025). Segundo informações da plataforma Coinbase (2025), a Tether (USDT), lançada em 2014 com o objetivo de facilitar a digitalização de moedas fiduciárias, é atualmente a *stablecoin* mais utilizada, com mais de 149 bilhões de tokens em circulação. De acordo com o Wall Street Journal (2024), o Tether (USDT) movimentou cerca de US\$ 190 bilhões por dia em 2024. A empresa responsável pela emissão da Tether afirma que cada unidade é respaldada por reservas compostas por moeda fiduciária, equivalentes de caixa e outros ativos, incluindo recebíveis oriundos de empréstimos concedidos pela própria Tether a terceiros (Tether, 2025).

2.2.3 Central Bank Digital Currency (CBDC)

Em uma definição simples e objetiva, as CBDCs (sigla oriunda do inglês, “central bank digital currency”) são moedas digitais emitidas por Bancos Centrais denominadas na unidade de conta nacional que representam um passivo da instituição, sendo um equivalente digital do dinheiro físico (Ragazzo; Cataldo, 2021). Como já visto anteriormente, essas moedas dos bancos centrais podem ser divididas em duas categorias, CBDC Varejo e CBDC Atacado, utilizadas pelos Banco Centrais com finalidades diferentes.

A CBDC de Varejo é o mais próximo de uma forma digital de dinheiro para uso por usuários finais (famílias e empresas). Como tal, ela oferece uma nova opção ao público em geral para guardar dinheiro. A CBDC de varejo também é diferente das

formas existentes de instrumentos de pagamento sem dinheiro para consumidores, como transferências de crédito, débitos diretos, pagamentos com cartão e dinheiro eletrônico, pois representa uma reivindicação direta a um banco central, em vez de uma responsabilidade de uma instituição financeira privada (Boar; Wehrli, 2021).

No mesmo sentido Ragazzo e Cataldo (2021) explicam essa diferença através da comparação das CBDCs com o sistema de pagamento instantâneo (Pix), que viabilizam transações em tempo real (24 horas por dia, sete dias por semana). Embora a experiência do usuário ao utilizar uma CBDC de varejo possa ser semelhante à de um sistema como o Pix, os autores destacam que a principal diferença está na infraestrutura que opera por trás das transações. No Pix, o dinheiro é transferido entre contas em tempo real para os usuários, mas a liquidação entre os bancos pode ocorrer posteriormente. Já nas CBDCs, o desenho tecnológico permite que tanto a transferência entre usuários quanto a liquidação entre instituições financeiras aconteçam em tempo real, o que representa uma mudança na forma como o sistema financeiro é estruturado (Ragazzo; Cataldo, 2021).

A CBDC de atacado é desenvolvida para ser de uso restrito das instituições financeiras, sendo semelhante às contas de reserva e liquidação que o Banco Central possui hoje. Seu objetivo é realizar atividades como a liquidação de pagamentos em grandes volumes e entre instituições (Ragazzo; Cataldo, 2021). De acordo com Boar e Wehrli (2021), a CBDC de atacado pode aprimorar a eficiência, segurança e velocidade das transações interbancárias e da liquidação de ativos financeiros. Baseada em tecnologias como registros distribuídos (DLT) ou infraestruturas centralizadas, permite a liquidação imediata e definitiva de operações de grande valor, contribuindo para a redução de riscos de contraparte e a melhoria da gestão de liquidez entre instituições. Além disso, sua integração com sistemas automatizados, como contratos inteligentes e mecanismos de liquidação de títulos, reforça seu papel na modernização da infraestrutura do sistema financeiro e na condução da política monetária (Boar; Wehrli, 2021).

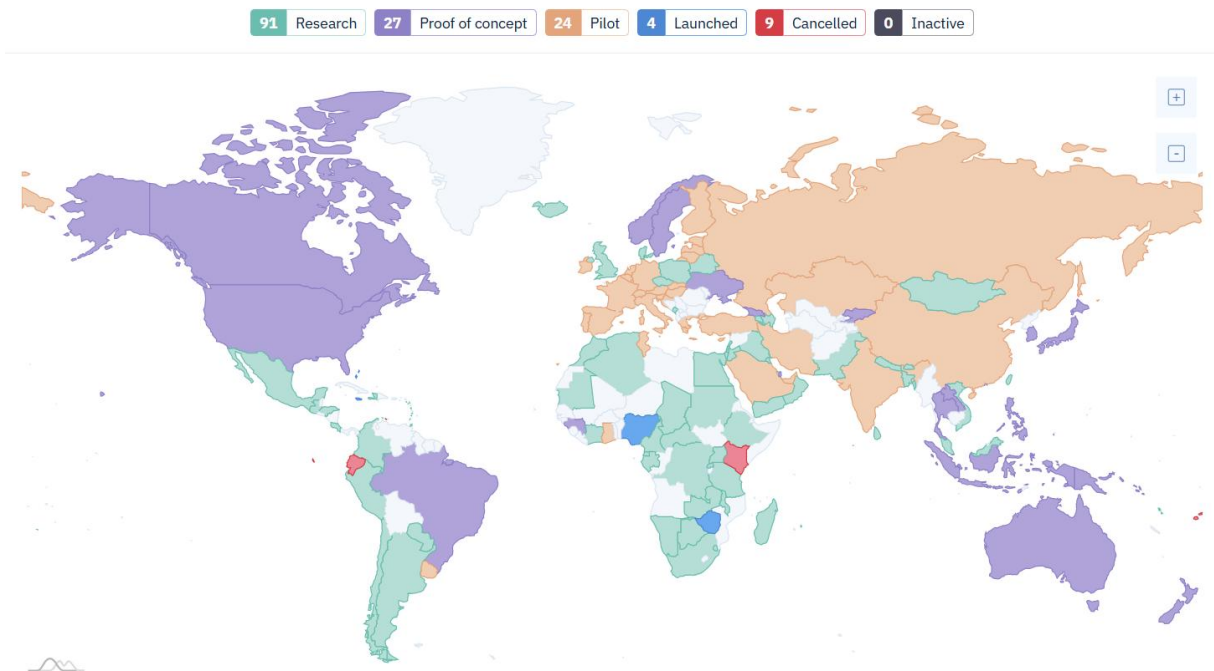
O Banco Central do Brasil iniciou o desenvolvimento de sua própria moeda digital, o Real Digital, denominado “Drex”, em agosto de 2020, por meio da formação de um grupo de trabalho dedicado à pesquisa sobre o tema (Barbosa, 2020). Desde então, os avanços do projeto têm sido divulgados por meio do site oficial da instituição (Banco Central do Brasil, 2025). Em 2021, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, apresentou os principais objetivos da política voltada à implementação

da CBDC brasileira, dentre os quais destacam-se: fomentar a inovação e concorrência em uma economia digitalizada; reduzir o uso de dinheiro em espécie; e melhorar os pagamentos transfronteiriços. Neto também destacava potenciais melhorias no combate à lavagem de dinheiro e à inclusão financeira da população (Neto, 2021).

De acordo com estudo realizado pelo Bank for International Settlements (BIS), o número de Bancos Centrais trabalhando ativamente em algum projeto para emitir moedas digitais próprias foi de aproximadamente 33% em 2016 para 86% em 2020 (Boar; Wehrli, 2021).

Atualmente, como ilustra a figura 2, diversos países ao redor do mundo estão em diferentes estágios de desenvolvimento de suas moedas digitais emitidas por bancos centrais (CBDC Tracker, 2025). No estágio de pesquisa (*research*), que envolve estudos iniciais sobre a viabilidade, os benefícios e os riscos associados à implementação de uma CBDC, encontram-se 91 países. Já no estágio de prova de conceito (*proof of concept*), em que são elaborados protótipos e iniciados os testes técnicos e regulatórios, há 27 países, neste estágio que se encontra o Brasil com a elaboração do Drex. Outros 24 países avançaram para a fase de projeto piloto (*pilot*), onde a CBDC é testada em ambientes controlados e com participação limitada, a fim de avaliar seu funcionamento prático, principalmente países asiáticos e europeus, com destaque para a “e-CNY”, moeda chinesa, e o “Digital Euro”, moeda da união europeia. Por fim, apenas quatro países (Bahamas, Jamaica, Nigéria e Zimbábue) já lançaram oficialmente suas CBDCs, disponibilizando-as para uso público após completarem as etapas anteriores de desenvolvimento e testes (CBDC Tracker, 2025).

Figura 2 — Mapa CBDC Tracker



Fonte: CBDC Tracker (2025).

Conforme apresentado pela plataforma CBDC Tracker (2025), o e-CNY, moeda digital emitida pelo Banco Popular da China, tem como objetivo modernizar o sistema de pagamentos, promovendo inclusão financeira, segurança e eficiência. Além de servir como alternativa às soluções privadas, busca preservar a soberania monetária e estimular a concorrência. Com mais de 1,8 trilhão de yuans transacionados, o e-CNY já é aceito em plataformas como WeChat e Alipay, e começa a ser testado em pagamentos internacionais. Sua adoção é incentivada por medidas como carteiras digitais para turistas e recursos como transações offline e contratos inteligentes (CBDC Tracker, 2025).

2.3 HEGEMONIA ECONÔMICO-MONETÁRIA ESTADOS UNIDOS E CHINA

Nesta seção, será realizada uma análise da expansão econômica da China como potência mundial e da manutenção da hegemonia dos Estados Unidos no cenário internacional, por meio da interpretação de dados econômicos recentes e dos movimentos de internacionalização de ambas as economias, com foco especial nas transformações ocorridas nas últimas duas décadas.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os Estados Unidos consolidaram-se como a principal potência econômica e política do mundo ocidental. Após a destruição das economias europeias e asiáticas durante o conflito, os EUA emergiram como o centro do novo sistema financeiro internacional, sendo protagonistas na criação dos Acordos de Bretton Woods e na estruturação de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, essa hegemonia foi reforçada pela adoção do dólar como principal moeda de reserva internacional (Peruffo; Cunha; Bichara, 2024). Como aponta Eichengreen (2011), o dólar tornou-se a âncora da confiança internacional, utilizado em transações comerciais, reservas cambiais e precificação de *commodities* globais, como petróleo e grãos.

Além da supremacia monetária assegurada pelo dólar como moeda de reserva internacional, o poder militar dos Estados Unidos constitui outro pilar fundamental de sua hegemonia global, permitindo-lhes exercer uma influência política extraordinária sobre as instituições internacionais (Mariutti, 2019). De acordo com o autor, a configuração atual da economia norte-americana está profundamente entrelaçada com a globalização da produção, especialmente com a industrialização acelerada da China, este arranjo permitiu que empresas varejistas norte-americanas ampliassem suas margens de lucro ao transferir suas cadeias produtivas para os territórios asiáticos, garantindo mercadorias a baixo custo para o mercado interno dos EUA. Como descreve Mariutti (2019):

O barateamento das mercadorias produzidas na Ásia garantiu a fúria consumista das famílias estadunidenses e garantiu a rentabilidade dos grandes varejistas. Por outro lado, o acúmulo de reservas em dólar pela China, fruto desse superávit comercial, retroalimenta o sistema ao financiar o déficit fiscal dos EUA por meio da compra de títulos públicos. Esse circuito econômico-financeiro possibilitou também à China utilizar suas reservas para adquirir empresas estratégicas e ampliar seu controle sobre recursos naturais na periferia, reforçando sua projeção global e colocando-se, assim, como um potencial rival estrutural dos Estados Unidos.

Em contraparte, após a morte de Mao Zedong, em 1976, a China passou por um processo de reorientação econômica inicialmente liderado por Deng Xiaoping, que ficou marcado pelo início das reformas de mercado e da política de "Reforma e Abertura", este modelo buscava integrar o país ao sistema capitalista global, mantendo um sistema político centralizado, com alto controle estatal (Hung, 2013).

Como aponta Hung (2013), a lógica fundamental desse crescimento foi a aposta em uma estratégia “*export-led*”, ou seja, orientada pela produção industrial voltada ao mercado externo, algo parecido com o modelo utilizado pelo Japão e outros países asiáticos anteriormente.

A China, no entanto, levou esse modelo de forma ímpar, enquanto Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura cresceram sob a tutela militar e econômica dos EUA durante a Guerra Fria, a China combinou essa inspiração exportadora com o controle estatal rígido e planejamento central (Hung, 2013). Como identificado em Balze (2019), essa versão de “capitalismo de Estado” combinou disciplina interna com ambição mercantilista global, promovendo protecionismo seletivo no mercado interno e incentivando as exportações com vigor, mesmo às custas de tensões comerciais com o Ocidente.

Mesmo assim a China estreitou uma relação harmoniosa com o governo americano, como abordado por Balze (2019), esta relação permitiu a entrada chinesa no cenário internacional, principalmente a partir dos anos 1990, quando ocorreu em 2001 sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC). Assim o país consolidou-se como a “fábrica do mundo”, mantendo sua moeda artificialmente desvalorizada, atraindo Investimento Direto Estrangeiro (IDE) e acumulando superávits comerciais massivos, especialmente com os Estados Unidos (Hung, 2013).

Conforme Infomoney (2023), a China vem ampliando significativamente suas relações comerciais com países emergentes nas últimas décadas, adotando uma postura mais ativa no cenário econômico internacional. Um marco importante dessa estratégia foi a criação do BRICS, em 2009, bloco que iniciou com Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, e atualmente também conta com a participação de Argentina, Arábia Saudita, Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos e Irã. O grupo surgiu com o propósito de intensificar a cooperação entre essas economias em ascensão e promover uma alternativa à ordem econômica dominada pelos países desenvolvidos (Infomoney, 2023). Conforme aponta Hooijmaaijers (2021), embora a retórica da cooperação sul-sul seja uma das bases do BRICS, os avanços nas relações bilaterais entre seus membros revelam tanto esforços concretos de integração quanto desafios estruturais persistentes. Ainda assim, a China tem desempenhado papel central nesse processo, especialmente ao fomentar o multilateralismo por meio de iniciativas financeiras e comerciais dentro do bloco,

consolidando sua posição como liderança entre as potências emergentes (Hooijmaaijers, 2021).

Outra iniciativa relevante adotada pela China para ampliar a internacionalização do yuan e consolidar sua influência no sistema financeiro global é o estabelecimento de acordos de *swap* cambial com diversos países. Esses *swaps* consistem em contratos entre bancos centrais que permitem a troca de moedas locais por renminbi (RMB, também conhecido por Yuan), proporcionando liquidez imediata sem necessidade de recorrer a mercados internacionais (Arnold, 2023).

Um caso emblemático é o da Argentina. Segundo Arnold (2023), o Banco Popular da China (PBoC) firmou um acordo de *swap* com o Banco Central da República Argentina (BCRA) em 2009, no valor inicial de 70 bilhões de RMB. Ao longo dos anos, o montante foi ampliado, chegando a 130 bilhões de RMB até o final de 2022, com a inclusão de duas linhas suplementares. A cooperação evoluiu para permitir operações indiretas em dólar, possibilitando que o BCRA, indiretamente, convertesse os RMB recebidos em moeda norte-americana para enfrentar tensões cambiais internas.

O autor destaca que o modelo chinês de *swap* se diferencia dos tradicionais por seu caráter quase fiscal, em contextos de crise, atua como um suporte emergencial, fornecendo liquidez a bancos centrais pressionados por déficits ou dívidas vencidas, o que demonstra não apenas o alcance monetário da China, mas também seu uso estratégico do yuan como instrumento de influência geopolítica (Arnold, 2023).

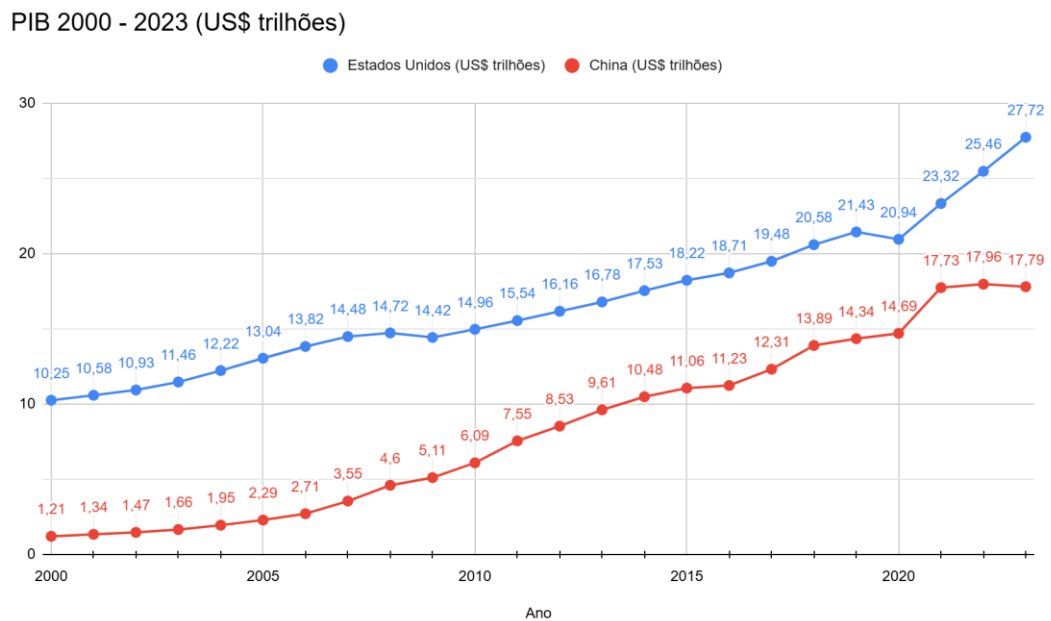
Em abril de 2025, a Argentina renovou uma parcela de US\$ 5 bilhões de sua linha de *swap* em yuans, na mesma direção, o Paquistão está fazendo *lobby* para ampliar sua própria linha de *swap* com a China (REUTERS, 2025). Segundo Barcellos (2025), em maio de 2025, o Banco Central do Brasil anunciou, em conjunto com o Banco Popular da China (PBoC), um acordo de *swap* cambial com valor máximo de R\$ 157 bilhões, válido por até cinco anos. Na ocasião, o PBoC também informou a existência de acordos semelhantes com diversas outras nações, incluindo Canadá, Chile, África do Sul, Japão, Reino Unido e a Zona do Euro, por meio do Banco Central Europeu (Barcellos, 2025).

Balze (2019, p.197), ao sintetizar o atual cenário econômico, revela uma escalada da disputa entre as duas nações:

Durante várias décadas, os EUA facilitaram a ascensão econômica da China, enquanto a China aceitou tacitamente o domínio militar dos EUA na região da Ásia-Pacífico. Esse período acabou, e hoje as ambições geopolíticas chinesas e o revisionismo nacionalista americano estão se enfrentando.

A seguir, serão apresentados uma série de indicadores econômicos, como Produto Interno Bruto (PIB), exportações, importações e Investimento Estrangeiro Direto (IED), com o objetivo de contribuir para a compreensão do cenário econômico mundial contemporâneo, destacando a participação dos Estados Unidos e da China na economia global e no comércio internacional.

Figura 3 — Evolução do PIB de Estados Unidos e China (2000-2023)



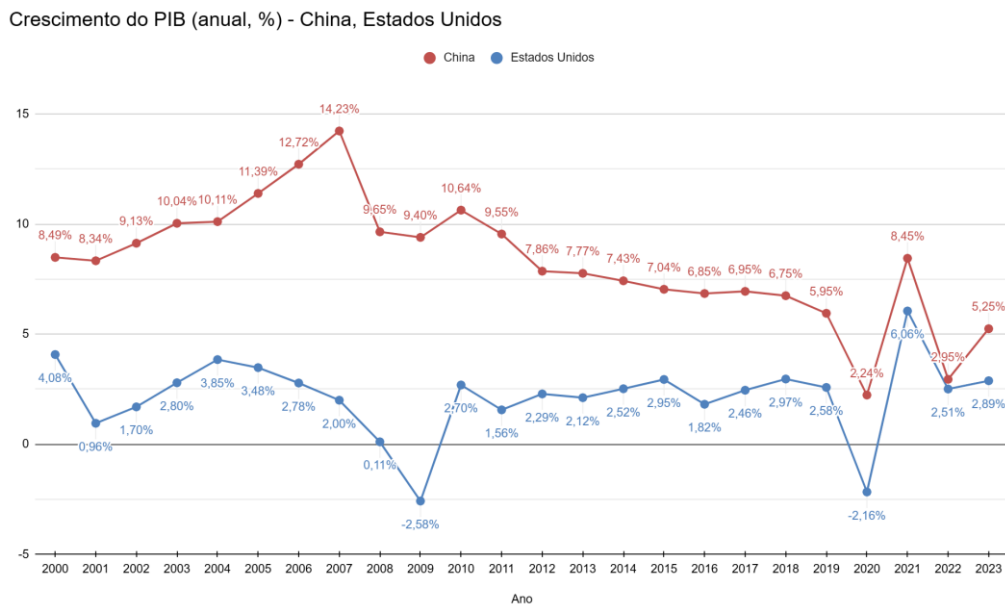
Fonte: World Bank (2025).

A Figura 3 apresenta a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) da China e dos Estados Unidos no período de 2000 a 2023. O PIB representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos em um país em determinado período, funcionando como um dos principais indicadores do desempenho econômico nacional (BCB, 2025).

Observa-se que, ao longo de todo o período analisado, o PIB dos Estados Unidos manteve-se consistentemente acima do PIB da China, o que evidencia sua posição de liderança econômica global. No entanto, também é possível notar um

crescimento expressivo da economia chinesa, com uma alta mais íngreme, especialmente a partir de 2005, indicando uma tendência de aproximação entre os dois países em termos de produção econômica total. Esse movimento de convergência reforça a crescente relevância da China no cenário econômico internacional.

Figura 4 — Crescimento do PIB (anual, %) de Estados Unidos e China (2000-2023)



Fonte: World Bank (2025).

A Figura 4 ilustra o crescimento percentual anual do Produto Interno Bruto (PIB) da China e dos Estados Unidos entre os anos de 2000 e 2023. Observa-se que, ao longo de todo o período analisado, a taxa de crescimento do PIB chinês superou consistentemente a dos Estados Unidos. Esse desempenho mais acelerado da economia chinesa indica uma trajetória de expansão sustentada, ainda que sujeita a oscilações pontuais. No primeiro momento, nota-se um crescimento acentuado da economia chinesa entre os anos de 2000 e 2007, neste período impulsionado pela expansão das exportações para o mercado internacional e pela elevação dos preços das commodities agrícolas. Destacam-se, por exemplo, a crise financeira global de 2008, que impactou fortemente os Estados Unidos, resultando em uma taxa de negativa de -2,58% em 2009, ao passo que a China manteve um crescimento robusto acima de 9%. Outro episódio notável ocorreu em 2020, durante a pandemia de

COVID-19, quando os Estados Unidos novamente registraram retração econômica de -2,16%, enquanto a China apresentou uma recuperação mais rápida, encerrando o ano com crescimento positivo de 2,24%.

Tal padrão de crescimento pode ser interpretado como um sinal de convergência econômica, sugerindo que, mantida essa tendência, a China poderá, em algum momento futuro, alcançar ou até mesmo superar o PIB total dos Estados Unidos. Essa hipótese reforça a percepção do fortalecimento do papel da China na economia global.

Tabela 2 — *Ranking* dos 5 maiores PIB do Mundo (2000-2023)

(Continua)

Ano	1º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	2º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	3º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	4º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	5º Lugar	PIB (US\$ trilhões)
2000	EUA	10,25	Japão	4,89	Alemanha	1,94	Reino Unido	1,64	França	1,46
2001	EUA	10,58	Japão	4,15	Alemanha	1,89	Reino Unido	1,64	França	1,45
2002	EUA	10,94	Japão	4,05	Alemanha	2	Reino Unido	1,78	França	1,52
2003	EUA	11,63	Japão	4,38	Alemanha	2,41	Reino Unido	2,03	França	1,79
2004	EUA	12,27	Japão	4,65	Alemanha	2,83	Reino Unido	2,42	França	2,13
2005	EUA	13,04	Japão	4,57	Alemanha	2,81	Reino Unido	2,53	França	2,23
2006	EUA	13,86	Japão	4,45	Alemanha	3	Reino Unido	2,74	França	2,44
2007	EUA	14,48	Japão	4,52	Alemanha	3,43	Reino Unido	3,05	França	2,65
2008	EUA	14,72	Japão	5,03	Alemanha	3,74	Reino Unido	2,86	França	2,86
2009	EUA	14,42	Japão	5,23	China	5,11	Alemanha	3,4	França	2,65
2010	EUA	14,96	China	6,09	Japão	5,7	Alemanha	3,42	França	2,65
2011	EUA	15,54	China	7,55	Japão	6,16	Alemanha	3,75	França	2,89
2012	EUA	16,16	China	8,53	Japão	6,2	Alemanha	3,54	França	2,65
2013	EUA	16,69	China	9,61	Japão	5,15	Alemanha	3,76	França	2,81

(Conclusão)

Ano	1º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	2º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	3º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	4º Lugar	PIB (US\$ trilhões)	5º Lugar	PIB (US\$ trilhões)
2014	EUA	17,53	China	10,48	Japão	4,85	Alemanha	3,89	Reino Unido	3,05
2015	EUA	18,12	China	11,06	Japão	4,38	Alemanha	3,36	Reino Unido	2,86
2016	EUA	18,62	China	11,23	Japão	4,95	Alemanha	3,47	Reino Unido	2,65
2017	EUA	19,48	China	12,24	Japão	4,87	Alemanha	3,68	Reino Unido	2,64
2018	EUA	20,58	China	13,89	Japão	5	Alemanha	3,99	Reino Unido	2,86
2019	EUA	21,43	China	14,34	Japão	5,08	Alemanha	3,86	Índia	2,87
2020	EUA	20,89	China	14,72	Japão	5,05	Alemanha	3,85	Reino Unido	2,71
2021	EUA	22,99	China	17,73	Japão	4,94	Alemanha	4,26	Reino Unido	3,13
2022	EUA	25,46	China	17,96	Japão	4,23	Alemanha	4,07	Índia	3,39
2023	EUA	26,95	China	17,7	Alemanha	4,43	Japão	4,23	Índia	3,73

Fonte: World Bank (2025).

A Tabela 2 apresenta o ranking dos cinco maiores Produtos Internos Brutos (PIBs) do mundo entre os anos de 2000 e 2023, com base em valores nominais em trilhões de dólares. Destaca-se o domínio dos Estados Unidos, que permaneceram consistentemente na primeira posição ao longo de todo o período analisado. A China ingressou no ranking em 2009, ocupando inicialmente a terceira colocação. Já a partir de 2010, a economia chinesa assume a segunda posição de forma contínua, consolidando-se como a principal concorrente dos Estados Unidos. Observa-se também que a distância entre o PIB da China e os de Japão e Alemanha, que se mantiveram entre a terceira e quarta posições, tem se ampliado progressivamente nos últimos anos. Em 2010, o PIB da China superava levemente o do Japão, com uma diferença de aproximadamente 6,8%, e era cerca de 78% superior ao da Alemanha. Já em 2023, essa diferença se ampliou significativamente, o PIB chinês foi cerca de 318% maior que o do Japão e 299% acima do PIB da Alemanha.

Tabela 3 — Ranking dos 5 maiores Exportadores do Mundo (2000-2023)

(Continua)

Ano	1º Lugar	Valor (US\$ bi)	2º Lugar	Valor (US\$ bi)	3º Lugar	Valor (US\$ bi)	4º Lugar	Valor (US\$ bi)	5º Lugar	Valor (US\$ bi)
2000	EUA	781	Alemanha	551	Japão	479	França	319	Reino Unido	298
2001	EUA	729	Alemanha	525	Japão	403	França	294	Reino Unido	272
2002	EUA	693	Alemanha	524	Japão	416	França	295	Reino Unido	275
2003	Alemanha	746	EUA	724	Japão	471	França	342	China	438
2004	Alemanha	915	EUA	819	China	593	Japão	565	França	426
2005	Alemanha	1.001	EUA	904	China	762	Japão	595	França	446
2006	Alemanha	1.112	EUA	1.036	China	969	Japão	641	França	488
2007	Alemanha	1.275	China	1.218	EUA	1.148	Japão	713	França	530
2008	Alemanha	1.465	China	1.431	EUA	1.305	Japão	782	França	569
2009	China	1.202	Alemanha	1.121	EUA	1.056	Japão	580	França	472
2010	China	1.578	Alemanha	1.330	EUA	1.278	Japão	770	França	518
2011	China	1.898	Alemanha	1.536	EUA	1.481	Japão	823	França	582
2012	China	2.049	EUA	1.561	Alemanha	1.430	Japão	799	França	569
2013	China	2.210	EUA	1.622	Alemanha	1.503	Japão	715	França	580
2014	China	2.342	EUA	1.624	Alemanha	1.519	Japão	690	França	569
2015	China	2.273	EUA	1.504	Alemanha	1.408	Japão	625	França	535
2016	China	2.097	EUA	1.459	Alemanha	1.341	Japão	644	França	495
2017	China	2.386	EUA	1.547	Alemanha	1.448	Japão	698	França	522
2018	China	2.494	EUA	1.665	Alemanha	1.558	Japão	738	França	568
2019	China	2.498	EUA	1.645	Alemanha	1.512	Japão	705	França	555

(Conclusão)

Ano	1º Lugar	Valor (US\$ bi)	2º Lugar	Valor (US\$ bi)	3º Lugar	Valor (US\$ bi)	4º Lugar	Valor (US\$ bi)	5º Lugar	Valor (US\$ bi)
2020	China	2.591	EUA	1.434	Alemanha	1.378	Japão	641	França	486
2021	China	3.364	EUA	1.754	Alemanha	1.633	Japão	756	França	569
2022	China	3.598	EUA	2.065	Alemanha	1.743	Japão	752	França	617
2023	China	3.501	EUA	2.014	Alemanha	1.697	Japão	718	França	635

Fonte: Trademap (2025).

A Tabela 3 apresenta o ranking dos cinco maiores exportadores mundiais no período de 2000 a 2023, evidenciando transformações significativas na dinâmica do comércio global. Observa-se, inicialmente, a ascensão da China, que ingressa no ranking em 2003 e, a partir de 2009, assume a liderança como maior exportador do mundo, posição que manteve até o final do período analisado. Esse movimento reflete a política chinesa de crescimento econômico fortemente orientada para o setor externo, com estratégias voltadas à industrialização, inserção nas cadeias globais de valor e competitividade internacional. Os Estados Unidos, que lideravam as exportações no início dos anos 2000, perderam gradualmente espaço para a Alemanha e, posteriormente, para a China, porém se recuperaram e têm se mantido de forma consistente no 2º lugar como maior exportador desde 2012.

Por outro lado, países como Japão e França, que figuravam com destaque nas primeiras posições no início do período, apresentaram sinais de estagnação ou perda relativa de protagonismo. Apesar de permanecerem entre os cinco maiores exportadores em boa parte dos anos, os dois países viram sua participação relativa diminuir à medida que novas potências comerciais, como a própria China, ganharam relevância no cenário internacional.

Tabela 4 — Ranking dos 5 maiores Importadores do Mundo (2000-2023)

(Continua)

Ano	1º Lugar	Valor (US\$ bi)	2º Lugar	Valor (US\$ bi)	3º Lugar	Valor (US\$ bi)	4º Lugar	Valor (US\$ bi)	5º Lugar	Valor (US\$ bi)
2000	EUA	1.258	Alemanha	487	Japão	379	Reino Unido	359	França	318
2001	EUA	1.145	Alemanha	474	Japão	349	Reino Unido	334	França	301
2002	EUA	1.161	Alemanha	478	Japão	337	Reino Unido	328	França	296
2003	EUA	1.257	Alemanha	519	Japão	383	Reino Unido	379	França	326
2004	EUA	1.469	Alemanha	631	China	561	Japão	454	Reino Unido	451
2005	EUA	1.679	Alemanha	717	China	660	Japão	516	Reino Unido	478
2006	EUA	1.853	Alemanha	805	China	791	Japão	579	Reino Unido	547
2007	EUA	1.956	Alemanha	931	China	956	Japão	621	Reino Unido	635
2008	EUA	2.151	Alemanha	1.170	China	1.132	Japão	762	Reino Unido	689
2009	EUA	1.603	China	1.005	Alemanha	931	Japão	552	Reino Unido	482
2010	EUA	1.935	China	1.395	Alemanha	1.047	Japão	770	Reino Unido	636
2011	EUA	2.202	China	1.742	Alemanha	1.256	Japão	853	Reino Unido	689
2012	EUA	2.235	China	1.818	Alemanha	1.132	Japão	886	Reino Unido	681
2013	EUA	2.329	China	1.949	Alemanha	1.189	Japão	812	Reino Unido	663
2014	EUA	2.410	China	1.957	Alemanha	1.189	Japão	812	Reino Unido	663
2015	EUA	2.309	China	1.681	Alemanha	1.049	Japão	648	Reino Unido	625
2016	EUA	2.249	China	1.587	Alemanha	1.034	Japão	606	Reino Unido	644
2017	EUA	2.409	China	1.841	Alemanha	1.167	Japão	672	Reino Unido	644
2018	EUA	2.611	China	2.134	Alemanha	1.287	Japão	748	Reino Unido	679
2019	EUA	2.568	China	2.078	Alemanha	1.236	Japão	720	Reino Unido	693

(Conclusão)

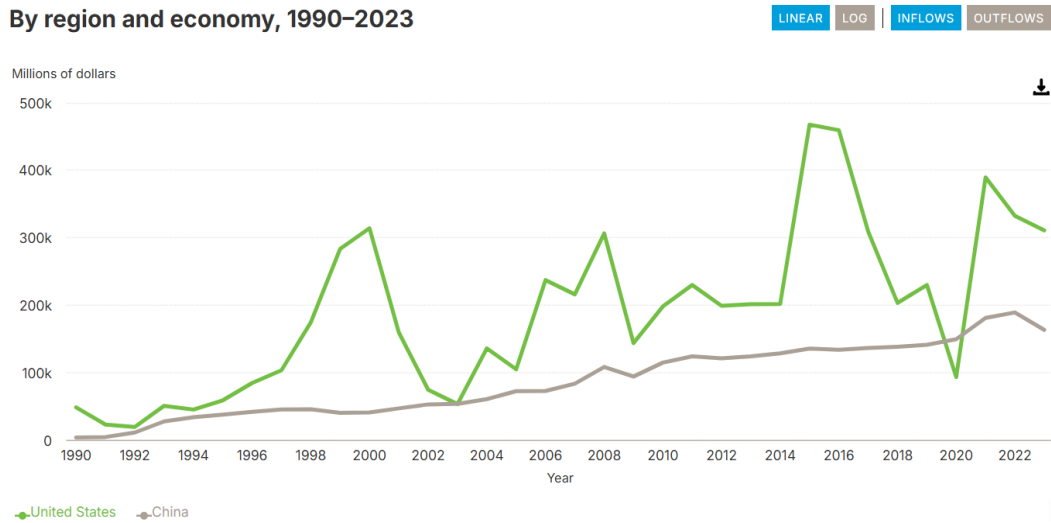
Ano	1º Lugar	Valor (US\$ bi)	2º Lugar	Valor (US\$ bi)	3º Lugar	Valor (US\$ bi)	4º Lugar	Valor (US\$ bi)	5º Lugar	Valor (US\$ bi)
2020	EUA	2.407	China	2.056	Alemanha	1.171	Japão	634	Reino Unido	631
2021	EUA	2.837	China	2.695	Alemanha	1.379	Japão	769	Reino Unido	689
2022	EUA	3.278	China	2.716	Alemanha	1.574	Japão	897	Reino Unido	815
2023	EUA	3.141	China	2.561	Alemanha	1.497	Japão	870	Reino Unido	782

Fonte: Trademap (2025).

A Tabela 4 apresenta os cinco maiores importadores globais no período de 2000 a 2023. Observa-se o destaque contínuo dos Estados Unidos, que mantiveram a liderança como maior importador mundial ao longo de todo o intervalo analisado, com valores que aumentaram de 1,258 trilhão de dólares em 2000 para mais de 3,1 trilhões em 2023. Esse crescimento reflete o papel central da economia norte-americana no comércio internacional, impulsionado pelo seu grande mercado consumidor.

Por sua vez, a China ingressa no ranking em 2004, ocupando inicialmente a terceira posição, e a partir de 2009 consolida-se como o segundo maior importador mundial, posição que mantém de forma constante até 2023. Esse avanço representa a intensificação da integração da China no comércio internacional, impulsionada pelo crescimento industrial e pela expansão do mercado consumidor interno.

Figura 5 — Evolução do Investimento Externo Direto (1990 - 2023)



Fonte: UNCTAD (2024).

A Figura 5 apresenta, por meio de um gráfico, a evolução do indicador de Investimento Externo Direto (IED) recebido pelos Estados Unidos (representado pela linha verde no gráfico) e pela China (representada pela linha cinza no gráfico) no período de 1990 a 2023. O IED refere-se aos investimentos realizados por empresas ou indivíduos estrangeiros em ativos produtivos de outro país, como a aquisição de empresas, a criação de filiais ou fábricas, contribuindo para o desenvolvimento econômico local (UNCTAD, 2024).

Na série histórica analisada, observa-se que, na maior parte do período, os Estados Unidos receberam volumes superiores de investimento estrangeiro direto em comparação à China, evidenciando sua posição consolidada como principal destino global de IED. Essa dinâmica reflete as diferenças econômicas e estruturais entre os dois países, além das políticas de atração de investimentos adotadas por cada um.

Tabela 5 — Ranking de países que mais receberam Investimento Estrangeiro Direto (IED) em 2023 (milhões de dólares americanos, %)

Ranking	País/Região	2023	2023 Taxa de crescimento (ano a ano)
1	Estados Unidos	310,947	-6.4
2	China	163,253	-13.7
3	Singapura	159,670	13.1
4	Hong Kong	112,676	2.7
5	Brasil	65,897	-10.2
6	Canadá	50,324	9.0
7	França	42,032	-44.7
8	Alemanha	36,698	33.9
9	México	36,058	-0.7
10	Espanha	35,914	-20.0

Fonte: UNCTAD (2024).

A Tabela 5 apresenta o ranking dos 10 principais países receptores de Investimento Estrangeiro Direto (IED) no ano de 2023. Destacam-se, nas primeiras posições, os Estados Unidos e a China, que lideram como os maiores destinos globais de investimentos estrangeiros no período, refletindo sua relevância econômica e atratividade para investidores internacionais.

2.4 SÍNTESE DO EMBASAMENTO TEÓRICO CONCEITUAL

O quadro a seguir sintetiza os principais elementos do referencial teórico, destacando seus enfoques centrais e os autores correspondentes.

Quadro 1 — Resumo da fundamentação teórica

TEMA	ENFOQUE	DEFINIÇÃO SINTETIZADA	AUTOR (ES)
SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL	Histórico	Historicamente, o sistema monetário internacional evoluiu das transações baseadas no escambo e no bimetalismo para o padrão dólar-ouro consolidado pelo Acordo de Bretton Woods, que estabeleceu o dólar como principal moeda de referência internacional.	Darthein (2003); Bandera (2014)
	Atualidade	O sistema atual de moedas fiduciárias, fundamentado na confiança dos agentes econômicos, manteve o dólar como principal moeda internacional, cuja hegemonia se explica pela combinação do poder econômico e político dos Estados Unidos.	Sonoda (2014); Peruffo, Cunha e Bichara (2024)
MOEDAS DIGITAIS	Definição	Moedas em formato exclusivamente eletrônico, estas podem ser classificadas em três categorias principais: criptomoedas, <i>stablecoins</i> e CBDCs.	Grasselli e Lipton (2021); Ragazzo e Cataldo (2021)
	Criptomoedas	O principal exemplo desse grupo é o Bitcoin, que tem sido utilizado predominantemente como ativo de investimento especulativo, o que limita sua adoção como moeda de uso amplo.	Nakamoto (2008); (Moraes, 2021)
	<i>Stablecoins</i>	Lastreadas em ativos estáveis, têm como principal representante a Tether (USDT), atrelada ao dólar. Seus emissores compram títulos do governo americano, favorecendo o crescimento econômico dos EUA.	Moraes (2021); Ragazzo e Cataldo (2021)
	CBDCs	As moedas digitais emitidas por Bancos Centrais (CBDCs) representam um equivalente digital do dinheiro físico, destacando-se iniciativas como o Drex (Brasil), o Digital Euro (União Europeia) e o E-CNY (China).	Ragazzo e Cataldo (2021); Boar e Wehrli (2021); CBDC Tracker (2025)
CENÁRIO ECONÔMICO-MONETÁRIO	Estados Unidos	Os Estados Unidos mantêm sua hegemonia econômica, política e militar global, sustentando a predominância do dólar e exercendo ampla influência nas instituições internacionais.	Eichengreen (2011); Mariutti (2019); Peruffo, Cunha e Bichara (2024)
	China	A China adotou uma estratégia de crescimento baseada nas exportações e consolidou-se como a 'fábrica do mundo'. Recentemente, tem ampliado a influência de sua moeda por meio da concessão de empréstimos internacionais.	Hung (2013); Balze (2019); Arnold (2023)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, com caráter exploratório de revisão bibliográfica, por permitir uma compreensão aprofundada do fenômeno investigado, de forma complementar foi realizada observação em evento com o tema “Stablecoin no comércio internacional”. Neste tipo de abordagem, se busca explorar, revisar e analisar criticamente os materiais já existentes sobre o tema, identificando os principais aspectos abordados na literatura. Dessa forma, o procedimento metodológico adotado visa subsidiar a construção necessária para atingir os objetivos propostos na etapa introdutória deste trabalho.

O conceito de método desempenha um papel central no desenvolvimento da pesquisa científica, orientando o pesquisador em seu percurso rumo à construção de um conhecimento sólido. De acordo com Marconi e Lakatos (2022, p.32), “O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando o cientista em suas decisões”. Essa definição ressalta o caráter planejado e criterioso do método, que não apenas estrutura o processo investigativo, mas também serve como ferramenta de controle e validação das etapas da pesquisa.

Quanto a isso, Vergara (2015) amplia a compreensão do método ao enfatizar sua dimensão cognitiva e relacional com o fenômeno estudado. Para a autora, “Entenda-se aqui por método a intervenção do pesquisador, sua atividade mental consciente para realizar o papel cognitivo da teoria. O método também aproxima o investigador do fenômeno estudado” (Vergara, 2015).

No contexto do planejamento metodológico, o delineamento de pesquisa desempenha um papel fundamental na garantia da qualidade e da consistência do estudo. Segundo Yin (2016, p.91), “Todo estudo investigativo tem um delineamento, implícito ou explícito. Os pesquisadores procuram usar delineamentos robustos para reforçar a validade de seus estudos e assegurar que os dados a serem coletados confrontem adequadamente o tema de pesquisa que está sendo estudado”. Desta forma, um delineamento bem estruturado permite que o pesquisador alinhe suas estratégias de coleta e análise de dados com os objetivos propostos, fortalecendo assim a validade e a confiabilidade dos resultados.

3.1 NATUREZA

A natureza da pesquisa deste estudo é qualitativa, como abordado por Flick (2018), esta é uma abordagem metodológica que busca compreender fenômenos sociais complexos por meio da análise aprofundada de textos e interações, esta valoriza a perspectiva dos participantes e reconhece a influência do pesquisador no processo investigativo.

Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por uma investigação interpretativa conduzida pelo pesquisador, com o objetivo de compreender os significados que os indivíduos atribuem a um fenômeno social. A coleta de dados é realizada em contextos naturais, e a análise pode seguir uma abordagem indutiva (quando se parte dos dados para gerar hipóteses) ou dedutiva (quando os dados são utilizados para confirmar teorias previamente estabelecidas). Esse processo analítico possibilita a identificação de padrões e a construção de uma interpretação aprofundada do problema investigado.

3.2 NÍVEL

Neste trabalho, a pesquisa possui nível exploratório, para o autor Gil (2022), as pesquisas exploratórias buscam oferecer uma compreensão inicial e mais clara sobre determinado problema, contribuindo para sua explicitação ou para a formulação de hipóteses. Frequentemente, esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico como estratégia central para reunir informações (Gil, 2022).

A pesquisa exploratória possui as seguintes três finalidades, de acordo com Marconi e Lakatos (2021, p.91): “(1) desenvolver hipóteses; (2) aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa; (3) modificar e clarificar conceitos.”

Por se tratar de um tema recente e com pouca exploração na literatura, optou-se pela abordagem exploratória, por ser a mais adequada ao objetivo do estudo. Essa escolha permite ampliar a compreensão sobre um fenômeno contemporâneo, relevante na área de Comércio Internacional, porém ainda pouco investigado, servindo como base para análises mais aprofundadas.

3.3 ESTRATÉGIAS

Diante do exposto, optou-se por adotar a pesquisa bibliográfica como estratégia metodológica para o desenvolvimento deste trabalho. Essa modalidade, também conhecida como pesquisa de fontes secundárias, envolve o levantamento e a análise de todo o material já publicado relacionado ao tema investigado. Isso inclui desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, monografias, teses, dissertações e pesquisas acadêmicas, até materiais cartográficos e meios de comunicação oral, como gravações, programas de rádio, filmes e programas televisivos (Marconi; Lakatos, 2021).

Para Gil (2022) a pesquisa bibliográfica, como qualquer outra, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas, para o autor em geral as etapas a serem seguidas pelos pesquisadores são: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório da pesquisa; identificação das fontes; localização das fontes; obtenção do material de interesse para a pesquisa; leitura do material; tomada de apontamentos; fichamento; construção lógica do trabalho; e redação do relatório.

Além disso, Barros e Lehfeld (2007) interpretam esta estratégia como uma modalidade que pode contribuir significativamente para a formação acadêmica dos estudantes, ao possibilitar a construção de trabalhos originais. Ela é especialmente útil para aqueles que desejam revisitar, reinterpretar e analisar criticamente teorias, conceitos e paradigmas já existentes, permitindo, inclusive, a formulação de novas perspectivas explicativas sobre fenômenos em diversas áreas do conhecimento.

Neste sentido, Marconi e Lakatos (2021) explicam que o principal objetivo da pesquisa bibliográfica é permitir que o pesquisador entre em contato direto com o conhecimento já produzido sobre determinado assunto. No entanto, essa abordagem não se limita à simples reprodução do conteúdo existente, ela possibilita que o tema seja tratado sob novos enfoques e diferentes ângulos.

Também optou-se por realizar a estratégia de observação em palestra, Creswell e Creswell (2021) enfatizam que a observação permite que o pesquisador vivencie de forma direta o contexto e as ações dos participantes, registrando informações no momento em que ocorrem. Essa proximidade possibilita identificar detalhes e situações inesperadas que enriquecem o estudo, além de facilitar a exploração de temas sensíveis ou difíceis de serem abordados por meio de

entrevistas ou questionários. Apesar de o tema não ser considerado sensível, observou-se certa dificuldade em encontrar profissionais do mercado de câmbio dispostos a participar de entrevistas, possivelmente em razão da contemporaneidade do tema, ainda emergente e da complexidade do assunto tratado.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a realização deste estudo, optou-se pela coleta de dados secundários por meio de bases acadêmicas eletrônicas, nesta pesquisa foram selecionados os materiais do Portal de Periódicos da CAPES. A busca foi orientada pelos termos-chave “moedas digitais”, “CBDC”, “*stablecoins*”, “dólar”, “yuan”, “China” e “Estados Unidos”. Assim, os termos foram pesquisados em inglês, com o intuito de ampliar o acesso a publicações em outros idiomas. A pesquisa foi realizada com combinação dos termos selecionados utilizando o operador *booleano* “AND”, configurando a busca para que os descritores fossem identificados em “qualquer campo” e contemplando todos os tipos de materiais disponíveis. Outro critério adotado para a seleção do material foi o recorte temporal, limitando-se a trabalhos publicados a partir de 2019, porque, até então, havia poucas produções acadêmicas disponíveis na base da CAPES que tratassem diretamente de *stablecoins* e CBDCs. As publicações anteriores não contemplavam essas moedas digitais, justificando o início do recorte nesse ano. Este processo foi realizado com o objetivo de localizar publicações alinhadas aos objetivos específicos da pesquisa, especialmente no que diz respeito à análise da participação das moedas digitais na dinâmica de disputa geoeconômica entre China e Estados Unidos.

Segundo Gil (2022), a ampla disseminação de materiais em formato digital fez com que as bases de dados eletrônicas se tornassem um dos principais meios de coleta de fontes para pesquisas bibliográficas. Essas bases reúnem uma grande variedade de informações, como artigos científicos, livros, teses, dissertações e relatórios, e são organizadas de forma a permitir consultas rápidas e eficientes. Para realizar buscas eficazes, o pesquisador deve definir palavras-chave ou descritores relacionados ao seu tema e aplicar operadores *booleanos* (termos utilizados para combinar ou excluir palavras-chave) para refinar os resultados.

De maneira complementar, com vistas à compreensão do avanço desta temática no ambiente acadêmico e profissional, também foi realizada a participação

em palestra com o tema “Stablecoin no comércio internacional”, realizada na cidade de Caxias do Sul, na data de 11 de Setembro de 2025, com duração de aproximadamente 3 horas, ministrada pelos profissionais do mercado financeiro Leandro Marchioretto e Gustavo Faria. Para a coleta de dados, foi elaborado um protocolo de observação, apresentado no Apêndice A – *Protocolo de Observação*. Esse instrumento teve como finalidade orientar a identificação dos principais questionamentos e temas relevantes à pesquisa, bem como auxiliar no registro sistemático das observações realizadas durante o evento. Para tanto, empregou-se a estratégia de observação estruturada que, como apontada por Yin (2016), é uma técnica central da pesquisa qualitativa que combina observação direta e participação ativa do pesquisador no ambiente estudado. Nessa abordagem, o pesquisador torna-se o principal instrumento de coleta de dados, exigindo consciência crítica sobre seus próprios vieses e influências, a técnica pressupõe uma postura indutiva, permitindo que os significados e padrões emergjam da realidade observada, sem a imposição de categorias teóricas prévias. Dessa forma, buscou-se compreender o fenômeno a partir da experiência e das interações vivenciadas em campo (Yin, 2016).

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados é uma etapa fundamental no desenvolvimento de uma pesquisa científica, pois possibilita ao pesquisador interpretar e atribuir significado às informações coletadas. Segundo Vergara (2015), trata-se de um processo que visa identificar padrões, categorias e relações nos dados, permitindo a construção de inferências que respondam aos objetivos do estudo.

Entre as técnicas de análise de dados qualitativos, destaca-se a análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977, apud Vergara, 2015), que é amplamente utilizada em pesquisas das ciências humanas e sociais. A autora organiza esse processo em três etapas principais: (a) a pré-análise, que envolve a escolha do material a ser analisado, a formulação de hipóteses e a definição de indicadores; (b) a exploração do material, etapa em que o conteúdo é codificado, categorizado e quantificado de acordo com os critérios definidos previamente; e (c) o tratamento dos resultados e interpretação, fase em que são realizadas as inferências e reflexões que levam à confirmação ou não das suposições iniciais, permitindo a elaboração dos resultados finais da pesquisa.

Optou-se, nesta pesquisa, pela utilização de uma grade de análise flexível, recomendada para estudos de natureza exploratória, conforme sugerido por Vergara (2015). Essa escolha se justifica pela possibilidade de adaptação da grade durante o processo de análise, o que é particularmente útil quando se trabalha com dados que emergem de forma dinâmica e não totalmente previsível, como entrevistas abertas, diários de campo ou documentos institucionais. A flexibilidade permite que categorias sejam ajustadas ou redefinidas à medida que o pesquisador aprofunda sua compreensão sobre o fenômeno investigado.

3.6 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No quadro a seguir, estão sintetizados os elementos principais da metodologia.

Quadro 2 — Resumo dos Procedimentos Metodológicos

Delineamento			Processo de Coleta	Processo de Análise
Natureza	Nível	Estratégia		
Qualitativo	Exploratório	Pesquisa Bibliográfica	Base de dados CAPES Observação em palestra	Análise de Conteúdo

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para favorecer a compreensão, a análise de dados desta seção foi organizada em duas partes, cada uma com procedimentos de coleta distintos. Na primeira parte, apresenta-se uma revisão bibliográfica fundamentada em materiais disponíveis na base de dados da CAPES, complementada por outras fontes relevantes disponíveis na internet. Já a segunda parte contempla os resultados obtidos por meio da participação em palestra, incluindo observação, registro de anotações e formulação de questionamentos relacionados ao tema da pesquisa.

4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção, será apresentada uma revisão bibliográfica dos materiais disponíveis sobre o tema. Tal estratégia mostra-se pertinente por se tratar de um assunto relativamente recente, o que possibilita uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno emergente. Além disso, a revisão permite identificar semelhanças e recorrências entre os objetivos desta pesquisa e os estudos previamente publicados, bem como analisar a influência das CBDCs e das *stablecoins* no sistema financeiro internacional e seus respectivos desenvolvimentos em diferentes países, com destaque para os Estados Unidos e a China.

A prospecção da literatura pertinente ao tema foi realizada por meio de consultas ao Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O procedimento de busca foi executado em duas etapas distintas. Na primeira etapa, estabeleceu-se um filtro temporal para publicações entre 2019 e 2025, uma vez que, de acordo com a plataforma de pesquisa utilizada, os registros que reúnem as três palavras-chave desta investigação passam a surgir nesse período, assim utilizando a seguinte combinação de termos: "Digital currency", "CBDC" e "Stablecoins", associadas a "China" e "United States". A busca retornou um conjunto limitado de 5 artigos, sendo 3 deles de acesso aberto. Dada a escassez de resultados, a segunda etapa consistiu em uma nova busca com parâmetros ampliados.

Mantendo o mesmo período, os termos utilizados para pesquisa avançada foram "Digital currency", "CBDC" e "Stablecoins", porém retirando-se os termos de

locus (China e United States), o que gerou um resultado de 89 artigos, dos quais 33 estavam disponíveis para consulta.

Quadro 3 — Pesquisa avançada para revisão bibliográfica

Filtro de pesquisa avançada	Termos	Resultado	Acesso Aberto
FILTRO 1	"Digital currency" "CBDC" "Stablecoins" "China" "United States"	5	3
FILTRO 2	"Digital currency" "CBDC" "Stablecoins"	89	33

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Quadro 4 apresenta os 33 materiais inicialmente identificados na base de dados da CAPES. A partir dessa relação, procedeu-se a uma seleção criteriosa, privilegiando estudos alinhados ao objetivo da pesquisa, com ênfase no funcionamento das moedas digitais na economia, na influência sobre o dólar e na disputa monetária entre China e Estados Unidos. Materiais cujo foco recaía predominantemente sobre aspectos tecnológicos ou análises regulatórias foram excluídos, assegurando que o recorte analítico contemplasse somente aqueles artigos pertinentes aos objetivos investigativos desta pesquisa.

Quadro 4 — Materiais disponíveis em pesquisa avançada CAPES

Título	Autores	Ano	Disponível em
A Field Guide to Monetary Policy Implementation Issues in a New World with CBDC, Stablecoin, and Narrow Banks	James A. Clouse	2023	https://doi.org/10.17016/FEDS.2024.001
A literature review on the design and implementation of central bank digital currencies	Huseyin Oguz Genc e Soichiro Takagi	2024	https://doi.org/10.1007/s42495-023-00125-9

Blockchain application for central bank digital currencies (CBDC)	Vijak Sethaput e Supachate Innet	2022	https://doi.org/10.1007/s10586-022-03962-z
CBDC-MXN: Challenges and Perspectives in The Implementation as a Mexican Digital Currency	Jessica Nallely Flores Gálvez e José Miguel Mata Hernández	2023	https://doi.org/10.32870/myn.vi49.7689
Central Bank Digital Currencies and International Crises: Toward an Authoritarian International Monetary Order?	Thomas Marmefelt	2024	https://doi.org/10.17645/pag.i359
Central Bank Digital Currencies in Africa why CBDCs could be a disaster for the continent	Danaa Nantogmah e Vivian Sampson	2021	https://www.researchgate.net/journal/Research-Journal-of-Finance-and-Accounting-2222-1697?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnNOUGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW91IiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW91In19
Central Bank Digital Currencies: a proper reaction to private digital money?	Sergio Cesaratto e Eladio Febrero	2023	https://doi.org/10.4337/roke.2023.04.05
Central Bank Digital Currency and the Agenda of Monetary Devolution	Leonidas Zelmanovitz e Bruno Meyerhof Salama	2024	https://doi.org/10.1007/978-3-031-45289-5_11
Connectedness between central bank digital currency index, financial stability and digital assets	Tugba Bas, Issam Malki e Sheeja Sivaprasad	2024	https://doi.org/10.1016/j.intfin.2024.101981
Consumer choices under new payment methods	Jaemin Son, Mehmet Huseyin Bilgin e Doojin Ryu	2022	https://doi.org/10.1186/s40854-022-00387-w
Crypto Assets and CBDCs in Latin America and the Caribbean Opportunities and Risks	Appendino, M et al.	2023	https://doi.org/10.1016/j.latcb.2024.100157
Decentralized Finance (DeFi): Foundations, Applications, Potentials, and Challenges	Gramlich et al.	2023	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4535868
Digital Currencies in Financial Networks	Olli Castren, Ilja Kristian Kavonius e Michela Rancan	2020	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3749352
Digital Money and Central Bank Operations	Charles Kahn, Manmohan Singh e Jihad Alwazir	2022	https://doi.org/10.5089/9798400206955.001
En defensa del dinero público digital	Rosa M. Lastra	2022	https://doi.org/10.20430/ete.v89i356.1672

Fintech, Cryptocurrencies, and CBDC: Financial Structural Transformation in China	Franklin Allen, Xian Gu e Julapa Jagtiani	2022	https://doi.org/10.4018/979-8-3693-1511-8.ch011
How to issue a central bank digital currency	David Chaum, Christian Grothoff e Thomas Moser	2021	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3965032
How will digital technologies influence the international monetary system?	Eswar Prasad	2023	https://doi.org/10.1093/oxrep/grad011
Implementing a retail CBDC: Lessons learned and key insights	Morales-Resendiz et al.	2021	https://doi.org/10.1016/j.latcb.2021.100022
Intenção de usar criptomoedas por gestores de empreendimentos turísticos: uma abordagem utilizando o Technology Acceptance Model (TAM)	Gislainy Silva, Luiz Mendes Filho e Sérgio Marques Júnior	2022	https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2556
Macro-Financial Impacts of Foreign Digital Money	Le et al.	2023	https://doi.org/10.1016/j.econlet.2025.112458
MOEDAS DIGITAIS DE BANCOS CENTRAIS (CBDCS): Uma análise bibliométrica da Nova Era da Política Monetária	João Pedro de Melo Almeida Fonseca e Vinícius Spirandelli Carvalho	2024	https://doi.org/10.5007/2175-8085.2024.e103641
Nigeria cNGN stablecoin: everything you need to know about cNGN and eNaira CBDC	Peterson K. Ozili	2024	https://doi.org/10.4018/979-8-3693-1511-8.ch011
Regulating Global Stablecoins and Central Bank Digital Currencies in Selected G20 countries	Andrei Shelepov	2021	https://iorj.hse.ru/en/2021-16-4/529409792.html
Revisiting the Properties of Money	Isaiah Hull e Or Sattath	2021	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3963886
SoK: Demystifying Stablecoins	Jeremy Clark, Didem Demirag e Seyedehmahsa Moosavi	2019	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3466371
Stablecoins: Risks, Potential and Regulation	Douglas W. Arner, Raphael Auer e Jon Frost	2021	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3979495
Strategic digitization in currency and payment competition	Lin William Cong e Simon Mayer	2025	https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2025.104055
Synthetic Central Bank Digital Currencies and Systemic Liquidity Risks	John E. Marthinsen e Steven R. Gordon	2024	https://doi.org/10.3390/jfs12010019

Systemic stablecoin and the brave new world of digital money	Jamie Morgan	2023	https://doi.org/10.1093/cje/beac060
Systemic stablecoin and the defensive case for Central Bank Digital Currency: A critique of the Bank of England's framing	Jamie Morgan	2022	https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2022.101716
The Influence of the G20's Digitalization Leadership on Development Conditions and Governance of the Digital Economy	Andrey Shelepov	2022	https://doi.org/10.17323/1996-7845-2022-01-04
Ukraine, Sanctions and Central Bank Digital Currencies: The Weaponization of Digital Finance and the End of Global Monetary Hegemony?	Douglas W. Arner, Ross P. Buckley, Anton N. Didenko e Dirk A. Zetsche	2023	https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4133531

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na linha de discutir a existência de uma competição por mercado entre as CBDCs e *Stablecoins*, o artigo “Strategic Digitization in Currency and Payment Competition” (Cong; Mayer, 2021) analisa a competição entre moedas fiduciárias digitalizadas (incluindo CBDCs e sistemas de pagamento governamentais, como o pix) e o chamado dinheiro digital privado (PDM), que abrange criptomoedas, *stablecoins*, moedas emitidas por plataformas digitais e sistemas de pagamento privados como Alipay. Neste artigo, os autores concluem que o sucesso ou fracasso das moedas estatais digitais (CBDCs) depende da rapidez com que são adotadas. Caso governos demorem, moedas digitais privadas (*criptos* e *stablecoins*) podem dominar os pagamentos digitais. Além disso, *stablecoins* lastreadas em dólar reforçam a hegemonia americana, tornando menos urgente para os EUA a emissão de uma CBDC, enquanto países como a China correm para digitalizar e ampliar sua influência (Cong; Mayer, 2021).

Semelhante a isso, Gálvez e Hernández (2023), no artigo “CBDC-MXN: Challenges and Perspectives in the Implementation as a Mexican Digital Currency”, discutem a implementação de uma moeda digital de banco central (CBDC) no México e analisam o uso da *stablecoin* MMXN, conhecida como *Moneta Digital*. Tais autores utilizam uma matriz SWOT dinâmica para examinar o potencial cenário da CBDC mexicana, identificando como forças o respaldo institucional do Banco Central, a possibilidade de transações sem tarifas, o fortalecimento da política monetária e da inclusão financeira, além de um monitoramento mais eficaz para a prevenção de

lavagem de dinheiro. Para Gálvez e Hernández (2023), no artigo analisado, as oportunidades estão associadas ao aumento da eficiência das políticas monetárias, à facilitação de pagamentos internacionais e ao impulso da digitalização do sistema financeiro nacional. Por outro lado, tal estudo evidencia fraquezas relevantes, como os elevados custos de desenvolvimento e manutenção, o grau de centralização do sistema, os riscos relacionados à privacidade e à segurança cibernética, bem como a necessidade de capacitação tanto dos usuários quanto dos agentes financeiros quanto ao uso da nova tecnologia. Entre as ameaças, destacam-se a resistência potencial dos bancos comerciais, o risco de desintermediação financeira e as dificuldades de adoção e integração com os sistemas de pagamento já existentes, como o CODI (*Cobro Digital*, plataforma de pagamentos instantâneos via *QR code* e aproximação) e o SPEI (*Sistema de Pagos Electrónicos Interbancarios*, sistema de transferências em tempo real).

Em síntese, Gálvez e Hernández (2023) concluem que o uso de moedas digitais privadas no México é um fenômeno em expansão e funcional para transações, porém ainda carente de supervisão e estabilidade institucional. Em contraste, segundo tais autores, a CBDC mexicana mostra-se viável e estratégica como instrumento de inclusão financeira, modernização dos meios de pagamento e fortalecimento da soberania monetária, desde que o Banco de México enfrente adequadamente os desafios de educação digital, segurança, interoperabilidade e aceitação pública.

No contexto de um outro país, o artigo “Nigeria cNGN Stablecoin: Everything You Need to Know About cNGN and eNaira CBDC”, de autoria de Ozili (2024), demonstra que, mesmo com a existência da eNaira (a moeda digital emitida pelo Banco Central da Nigéria), surgiu espaço de mercado para o desenvolvimento de uma *stablecoin* privada lastreada na Naira, denominada cNGN. Conforme o autor, entre as principais motivações para a criação dessa nova moeda digital, destacam-se a busca por maior eficiência nos pagamentos, a facilitação de transações internacionais e a integração da economia nigeriana ao sistema financeiro global. Em contrapartida, o autor enfatiza que os principais riscos associados à cNGN concentram-se nas questões regulatórias, incluindo a falta de clareza jurídica, os riscos de descolamento do lastro (“*de-pegging*”) e os desafios para garantir a estabilidade e a proteção dos consumidores.

Em continuidade à análise de diferentes cenários, no artigo “Fintech, Cryptocurrencies, and CBDC: Financial Structural Transformation in China”, Allen, Gu

e Jagtiani (2022) analisam a transformação estrutural do sistema financeiro chinês decorrente da expansão das *fintechs*, do uso de criptomoedas e, principalmente, do desenvolvimento da moeda digital do banco central da China (e-CNY). Segundo os autores, o projeto representa não apenas uma inovação tecnológica, mas também um instrumento estratégico de política econômica, voltado ao fortalecimento do controle monetário interno, à inclusão financeira e à redução da dependência do sistema de pagamentos global dominado pelo dólar. O estudo evidencia que o e-CNY foi concebido para integrar diferentes camadas de infraestrutura financeira, assegurando maior eficiência e rastreabilidade nas transações. Além disso, Allen, Gu e Jagtiani (2022) argumentam que o avanço da China no campo das moedas digitais impulsiona uma mudança no equilíbrio monetário internacional, ao mesmo tempo em que pressiona outras potências, como Estados Unidos e países da União Europeia, a acelerarem suas pesquisas sobre CBDCs e moedas digitais.

Na perspectiva do atual cenário internacional, no artigo “Systemic Stablecoin and the Brave New World of Digital Money”, Morgan (2023) examina as profundas transformações provocadas pela ascensão das moedas digitais privadas (em especial as *stablecoins* de grande escala, denominadas pelo autor como “systemic *stablecoins*”), e seus impactos sobre a estrutura de poder e soberania monetária dos Estados. O autor argumenta que tais inovações financeiras desafiam o papel tradicional dos bancos centrais e reconfiguram a arquitetura do sistema financeiro internacional, ao deslocar parte do controle sobre os meios de pagamento para grandes corporações tecnológicas e plataformas privadas. Morgan (2023) destaca que, embora as *stablecoins* possam ampliar a eficiência e a inclusão financeira, elas também introduzem riscos de instabilidade sistêmica, de fragmentação monetária e de dependência tecnológica em relação a atores não estatais. Sob uma perspectiva crítica, o autor defende que o avanço das moedas digitais deve ser compreendido como um fenômeno socioeconômico e político, no qual as relações de confiança, regulação e poder se unem para modelar o futuro do sistema monetário.

De forma complementar, o artigo “Macro-Financial Impacts of Foreign Digital Money”, elaborado por Le et al. (2023) para o Fundo Monetário Internacional, discute os efeitos macroeconômicos e financeiros da difusão de moedas digitais estrangeiras, sobretudo das *stablecoins* emitidas por grandes economias, em países emergentes. O estudo demonstra que a ampla circulação dessas moedas pode gerar substituição cambial, saída de capitais e desintermediação bancária em economias emergentes,

comprometendo a soberania monetária e a eficácia das políticas econômicas locais. Os autores destacam que a crescente utilização de *stablecoins* lastreadas em dólar tende a reforçar a hegemonia da moeda americana, segundo Le et al. (2023, p. 14, tradução própria), a ampla adoção de moedas digitais estrangeiras “pode enfraquecer a autonomia monetária nos mercados emergentes e reforçar a dominância dos emissores de moedas de reserva”, o que evidencia o fortalecimento da hegemonia do dólar no sistema financeiro internacional. Em contrapartida, os autores defendem que a emissão de CBDCs nacionais e a cooperação internacional entre bancos centrais são estratégias essenciais para mitigar riscos e equilibrar o novo cenário monetário global, marcado por intensas transformações digitais.

Face à disputa econômico-monetária entre China e Estados Unidos, o artigo “En defensa del dinero público digital” (Lastra, 2022) destaca que a China tem investido de forma intensa na transformação do renminbi em uma alternativa viável ao dólar estadunidense. A introdução do yuan digital é apresentada como um passo estratégico para ampliar o uso internacional da moeda chinesa, a autora observa que o dinheiro digital pode contribuir para a redução da influência do dólar no comércio global. Ademais, aponta que a utilização de sanções econômicas (instrumento recorrente da política externa dos Estados Unidos) tende a estimular a formação de pequenos blocos monetários regionais baseados em relações comerciais entre países (como Rússia, China, Arábia Saudita e Índia), nesse contexto, o yuan digital surge como uma alternativa atraente para contornar tais sanções.

Em consonância com essa perspectiva, Marmefelt (2024), em “Central Bank Digital Currencies and International Crises: Toward an Authoritarian International Monetary Order?”, analisa o papel do yuan digital como ferramenta para manter a cooperação entre Rússia e China frente às restrições impostas pelo sistema SWIFT, durante a guerra entre Rússia e Ucrânia. O autor conclui que o e-CNY exerce pressão sobre os bancos centrais ocidentais, incentivando-os a desenvolver suas próprias moedas digitais de banco central (CBDCs), o que caracteriza, nas palavras do autor, uma espécie de “corrida armamentista econômica” (*economic arms race*).

No mesmo sentido, o artigo “Central Bank Digital Currencies: a proper reaction to private digital money?” (Cesaratto; Febrero, 2023) reforça a análise da estratégia chinesa, observando que a criação da CBDC chinesa visa reduzir a dependência de infraestruturas financeiras controladas pelos Estados Unidos e da própria moeda americana. Dessa forma, a iniciativa pode ser interpretada como parte de uma política

de desdolarização, na qual o yuan digital atua como instrumento de “guerra cambial”, buscando enfraquecer o papel hegemônico do dólar nos mercados internacionais, como apresenta Cesaratto e Febrero (2023, v.11, n.4, p. 542, tradução própria):

Do ponto de vista da guerra econômica, a criação de uma criptomoeda chinesa poderia ser vista como um instrumento de guerra cambial que visa minar o papel do dólar nos mercados internacionais. A intensificação do comércio entre a China e os países em desenvolvimento, frequentemente caracterizados por sistemas financeiros muito frágeis e infraestruturas precárias, poderia ser facilitada por uma CBDC chinesa de fácil utilização.

Ainda nesse contexto, em materiais complementares disponíveis na internet, Coelho (2023), em matéria publicada no jornal “Valor Econômico”, diz que o yuan digital (e-CNY) é parte da estratégia chinesa para desafiar a hegemonia do dólar nas transações internacionais, sendo promovido como substituto do dólar e de *stablecoins* como o USDT. Embora o foco inicial da moeda digital seja o uso doméstico, a longo prazo, ela pode impulsionar a internacionalização do yuan de forma gradual, especialmente em países em desenvolvimento que sejam parceiros econômicos da China. No entanto, para o autor, sua adoção global enfrenta obstáculos técnicos, regulatórios e geopolíticos, como preocupações com privacidade, controle estatal e a sólida infraestrutura que sustenta o dólar como moeda dominante.

Uma iniciativa relevante voltada à interligação entre moedas digitais de bancos centrais (CBDCs) já está em desenvolvimento na Ásia. Trata-se do “Project mBridge” (Multiple CBDC Bridge), conduzido pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS) em cooperação com os bancos centrais da China, Hong Kong, Tailândia, Emirados Árabes Unidos e, mais recentemente, da Arábia Saudita (BIS, 2022). O projeto tem como objetivo o desenvolvimento de uma plataforma baseada em tecnologia de registro distribuído (DLT), voltada à emissão, troca e liquidação de CBDCs entre múltiplas jurisdições, com foco na modernização e eficiência dos pagamentos transfronteiriços. O projeto já realizou testes em fase piloto, envolvendo 20 bancos comerciais de quatro jurisdições, realizando 164 transações no valor total de mais de US\$ 22 milhões (BOT, 2022). Apesar dos desafios relacionados à harmonização regulatória, às implicações legais do uso de moedas digitais estrangeiras e desafios técnicos de interoperabilidade com sistemas bancários ligados, se amplamente adotado, o mBridge tem potencial para remodelar o sistema de comércio internacional, promovendo maior inclusão financeira e reduzindo a dependência do dólar americano como moeda de liquidação na região (Xu, 2024).

Em contraste com outras economias, os Estados Unidos têm avançado de forma mais cautelosa nas pesquisas para a emissão de uma moeda digital soberana. O projeto “Digital Dollar”, conduzido pelo Federal Reserve (órgão equivalente ao banco central no Brasil), foi oficialmente encerrado no início de 2025, embora iniciativas paralelas ainda estejam em fase de estudo (CBDC Tracker, 2025). No início do novo governo de Donald Trump, a Casa Branca declarou oficialmente ser contrária à criação de uma CBDC americana, justificando a decisão com base na proteção da privacidade bancária dos cidadãos (The White House, 2025). No mesmo comunicado, o governo expressou apoio à expansão das *stablecoins* lastreadas em dólar: “promover e proteger a soberania do dólar dos Estados Unidos, inclusive por meio de ações para promover o desenvolvimento e o crescimento de *stablecoins* legais e legítimas lastreadas em dólares em todo o mundo” (The White House, 2025, Seção 1, item II, tradução própria). Além disso, o documento destacou a importância de estabelecer maior clareza regulatória para acompanhar o crescimento da economia digital baseada nesses ativos (The White House, 2025).

4.2 OBSERVAÇÃO EM EVENTO

Com intuito de coletar informações sobre o tema, na data de 11 de Setembro de 2025, o autor participou de evento com a temática “Stablecoin no comércio internacional”, realizada na cidade de Caxias do Sul, com duração de aproximadamente 3 horas, ministrada pelos profissionais Leandro Marchioretto, profissional do mercado financeiro especialista em câmbio e transferências internacionais, e Gustavo Faria, especialista em ativos digitais e transferências internacionais.

Segundo os palestrantes, as moedas digitais já estão transformando o sistema financeiro tradicional. De forma prática, observa-se o movimento de bancos convencionais assumindo a custódia desses ativos em suas próprias instituições. Como exemplo, os ministrantes comentaram que o banco Itaú, já comercializa a moeda Bitcoin, enquanto a Swift desenvolve iniciativas para integrar moedas digitais ao sistema financeiro global, a fim de não perder espaço nesse mercado emergente.

Entre as vantagens específicas das *stablecoins*, os profissionais destacaram: (i) velocidade, visto que a transferência de valores entre a carteira do importador e a do exportador ocorre quase de forma imediata; (ii) redução de custos, uma vez que a

menor participação de intermediários financeiros diminui os *spreads*, além de menor burocracia em comparação aos pagamentos internacionais convencionais; (iii) disponibilidade contínua (24/7), já que as transações podem ser realizadas a qualquer dia e horário; e (iv) rastreabilidade, pois, ainda que os agentes não sejam identificados por dados bancários, CNPJ ou código IBAN, como nos meios tradicionais, todas as operações permanecem registradas e disponíveis na *blockchain*, possibilitando o acompanhamento das movimentações entre as carteiras digitais.

De acordo com Gustavo Faria, as *stablecoins* podem ser classificadas em quatro categorias principais: (i) *Fiat-backed*, lastreadas em moedas fiduciárias, como o dólar, euro, real, entre outras; (ii) *Crypto-backed*, garantidas por cripto colateral em excesso, usando por base outras criptomoedas; (iii) *Commodity-backed*, lastreadas por ativos físicos, como ouro ou petróleo; e (iv) Algorítmicas, que mantêm a paridade de valor por meio de mecanismos de oferta e demanda. Para o palestrante, dentre essas modalidades, aquelas com maior potencial de utilização no mercado são as *Fiat-backed*, com destaque para a USDT (Tether) e a USDC (emitida pela Circle e Coinbase), ambas lastreadas em dólar norte-americano.

Um dos principais desafios relacionados às moedas digitais, conforme apontado por Leandro Marchioretto, é o cenário regulatório. Atualmente, o uso de *stablecoins* em operações de importação e exportação de bens é relativamente mais seguro do ponto de vista normativo, pois não incide sobre essas transações o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) ou o IR (Imposto de Renda). No entanto, no comércio internacional de serviços, esses tributos são aplicáveis. Apesar de a Receita Federal ter o entendimento que as *stablecoins* possuem natureza jurídica de “bens”, classificando-as como ativos digitais, mesmo quando lastreadas em moeda fiduciária, elas não possuem *status* de moeda nacional ou estrangeira.

No que se refere à sua utilização prática, os palestrantes destacaram que a maior concentração de uso das *stablecoins* ocorre na América do Norte e na Europa, sobretudo em razão dos incentivos governamentais promovidos durante a gestão de Donald Trump. Já em relação ao contexto brasileiro, a adoção dessas moedas digitais tem se mostrado uma alternativa efetiva em negociações com países que enfrentam dificuldades econômicas e elevado risco-país. Nesse sentido, observa-se que importadores brasileiros, ao comercializar com países como Venezuela, Bolívia e Nigéria, encontram nas *stablecoins* uma solução viável para assegurar os pagamentos, conforme os palestrantes. Como exemplo, foi relatado o caso de uma

empresa brasileira que, após realizar exportação para uma empresa nigeriana, permaneceu por um longo período tentando viabilizar o recebimento. Embora o importador possuísse os valores em naira (moeda nigeriana) e a intenção de efetuar o pagamento, enfrentava entraves junto ao sistema bancário nacional devido às restrições relacionadas às reservas de moeda estrangeira. Diante desse cenário, o uso de *stablecoins* apresentou-se como a alternativa mais eficaz para viabilizar a transação.

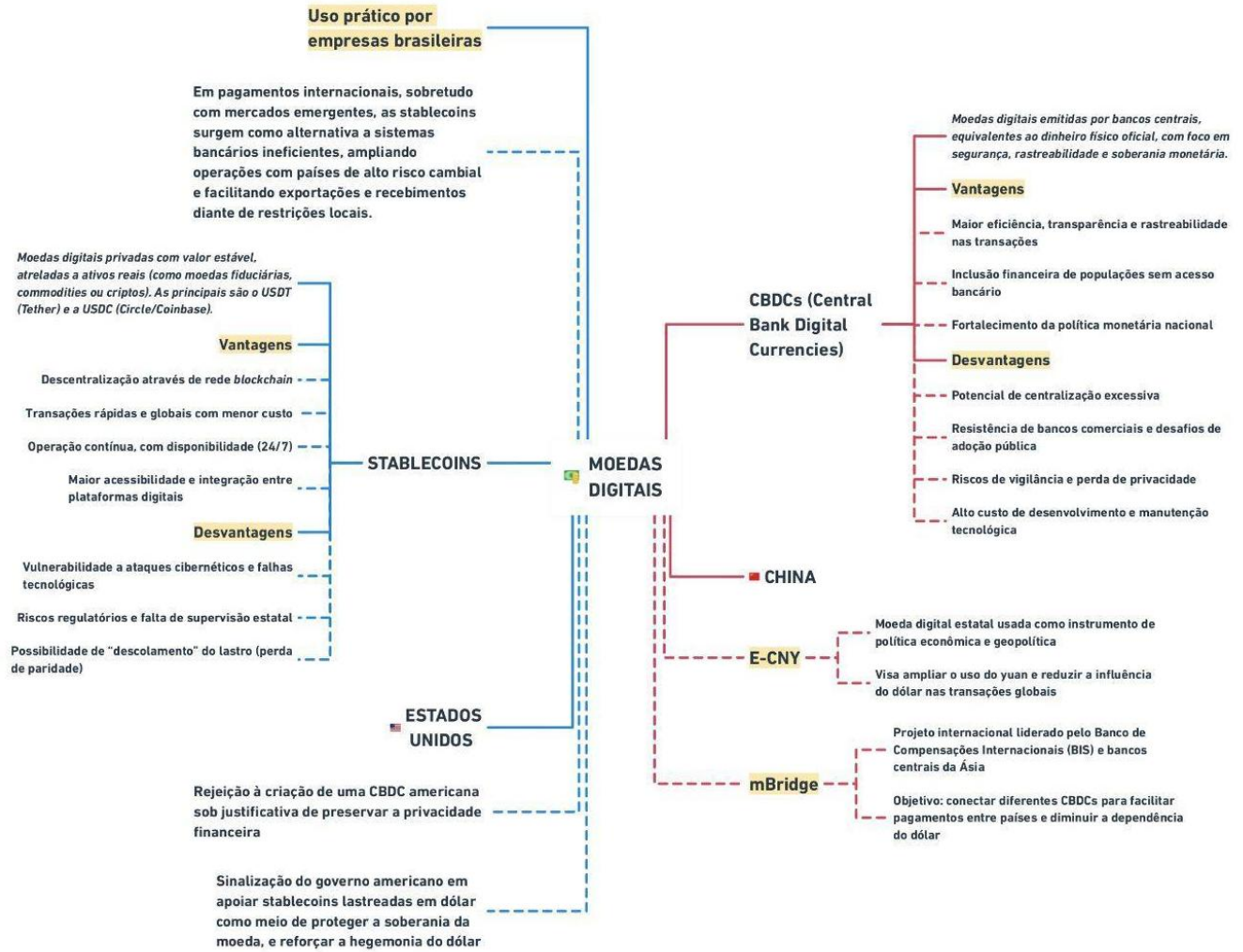
Ao término da palestra, questionou-se aos palestrantes sobre a possibilidade de identificar uma disputa de mercado entre as *stablecoins* e as moedas digitais emitidas por bancos centrais (CBDCs). Em resposta, Leandro Marchioretto reconheceu que ambas apresentam características semelhantes, porém destacou um potencial de uso mais amplo nas *stablecoins*. Como argumento, mencionou as recentes alterações no projeto Drex, inicialmente previsto para iniciar testes em 2026, mas cujo planejamento foi reestruturado para contemplar apenas a utilização entre instituições financeiras, aproximando-se mais de uma CBDC de atacado. Segundo o palestrante, essa mudança representa um retrocesso em relação ao que havia sido proposto anteriormente pelo Banco Central do Brasil, uma vez que não contempla a *tokenização* da moeda, o que sinaliza uma redução nas expectativas quanto ao seu potencial, segundo o profissional.

Cabe destacar que a palestra se concentrou nas *stablecoins* e em seus casos práticos, o que conferiu certo viés de favorecimento a esse tipo de ativo e restringiu o debate sobre outras moedas digitais, em especial o *yuan* digital, diretamente relacionado aos objetivos deste trabalho. Ainda assim, a compreensão aprofundada sobre as *stablecoins* e a observação de sua aplicabilidade em empresas brasileiras, de forma tão próxima ao contexto local, constituem contribuição relevante para a presente pesquisa.

4.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de favorecer a compreensão dos temas abordados, apresenta-se a seguir uma ilustração em formato de mapa mental, elaborada para sintetizar e elucidar os principais resultados desenvolvidos neste capítulo.

Figura 6 — Síntese de resultados



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A partir dos dados coletados nesta seção, apresentados de forma visual na Figura 6, percebe-se que as moedas digitais, especialmente as CBDCs e as *stablecoins*, estão superando a fase de formulação e estudos, passando a ganhar aplicabilidade prática entre empresas do comércio internacional e demais agentes financeiros. Esse movimento tem marcado transformações significativas no sistema financeiro internacional, abrindo espaço para discussões, debates e pesquisas a respeito deste fenômeno.

Observa-se que cada tipo de moeda possui características próprias. As CBDCs, por exemplo, conferem aos Estados um maior grau de controle sobre o sistema monetário, permitindo a adoção de políticas econômicas mais precisas. No entanto, despertam preocupações relacionadas à privacidade e à rastreabilidade

excessiva. Por essa razão, têm sido mais exploradas por governos com regimes políticos centralizados, como o da China, cujo sistema unipartidário vê nas CBDCs um instrumento capaz de reforçar o controle interno, resolver questões domésticas e, simultaneamente, promover a internacionalização do yuan por meio desta nova tecnologia.

Por outro lado, os Estados Unidos, país de tradição liberal, têm evitado os desafios associados à criação de uma nova moeda digital, como os custos de implementação e os riscos à privacidade, optando por adotar uma estratégia de regulamentação e incentivo às *stablecoins* lastreadas em dólar. Dessa forma, o país mantém a relevância de sua moeda e de sua economia no cenário internacional, estando presente neste novo mercado digital que surge.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar e discutir o papel das CBDCs e *stablecoins* na disputa pela ordem monetária internacional entre China e Estados Unidos, em um contexto marcado por profundas transformações tecnológicas e geopolíticas. A partir da análise desenvolvida, foi possível compreender que a crescente rivalidade entre as duas maiores economias do mundo se manifesta não apenas no campo comercial e tecnológico, mas também na dimensão monetária e financeira, tornando o controle sobre os fluxos internacionais de capital uma ferramenta estratégica de poder.

O cenário econômico e político atual é caracterizado por uma disputa hegemônica intensa. Os Estados Unidos, há décadas, sustentam sua influência global por meio do uso internacional do dólar, que permanece como a principal moeda de referência para o comércio exterior, reservas cambiais e ativos financeiros. Essa centralidade confere ao país vantagens significativas, permitindo-lhe exercer influência direta sobre a economia mundial.

Paralelamente, observa-se o surgimento das moedas digitais, fenômeno que tem o potencial de modificar profundamente o sistema financeiro internacional. Como revelado pelo *Bank for International Settlements* (BIS), em 2020 aproximadamente 86% dos Bancos Centrais do mundo estavam estudando ou desenvolvendo suas próprias moedas digitais (CBDCs). No Brasil, o projeto Drex, conduzido pelo Banco Central, representa a materialização desse movimento, apesar de recentes ajustes no cronograma e de um foco inicial voltado às transações interbancárias, o Drex sinaliza uma adoção das tecnologias das moedas digitais pelo sistema financeiro nacional.

A China, por sua vez, vem direcionando esforços para a internacionalização do yuan, apostando no potencial da CBDC chinesa (e-CNY) como instrumento de ampliação do uso global de sua moeda. O governo chinês tem investido em parcerias com bancos centrais de países asiáticos e emergentes, fortalecendo sua rede de liquidação em yuan e reduzindo gradativamente a dependência do dólar em transações bilaterais. Essa estratégia integra um projeto mais amplo de projeção de poder econômico e geopolítico, alinhado à busca pela liderança na nova economia digital.

Em contrapartida, os Estados Unidos têm adotado uma postura voltada à manutenção da hegemonia do dólar, incentivando o desenvolvimento e o uso de

stablecoins lastreadas em dólar, como a Tether (USDT) e a USD Coin (USDC). A sinalização política do governo norte-americano, especialmente em declarações recentes do presidente Donald Trump, em comunicados oficiais da Casa Branca, aponta para o reconhecimento dessas moedas privadas como instrumentos para manutenção do dólar no cenário das transações internacionais.

No contexto brasileiro, já é possível observar movimentos concretos de adoção de moedas digitais por parte de empresas envolvidas em operações de exportação e importação, utilizando *stablecoins* como meios de pagamento e liquidação. Tal tendência evidencia uma aplicabilidade emergente das moedas digitais no comércio internacional, antecipando transformações nas práticas financeiras globais e reforçando a necessidade de regulamentação, transparência e segurança jurídica para sua expansão.

Dessa forma, conclui-se que as moedas digitais já se consolidam como uma realidade capaz de impactar significativamente a economia global, influenciando diretamente as estratégias monetárias das duas maiores potências econômicas do mundo e promovendo transformações profundas nos sistemas de pagamentos internacionais. O presente estudo contribui para uma melhor compreensão dessa inovação tecnológica, evidenciando que entender seus desdobramentos é essencial para antecipar tendências e adaptar-se às mudanças que moldarão o futuro do sistema financeiro internacional.

5.1 LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Esta pesquisa se restringiu a uma abordagem qualitativa, baseada na análise de materiais acadêmicos e em informações complementares obtidas por meio da participação em eventos, estes relacionados ao atual cenário das moedas digitais, em especial das CBDCs e *Stablecoins*. O estudo concentrou-se em uma análise macroeconômica dos movimentos adotados por China e Estados Unidos e de seus impactos sobre o comércio exterior, afetando, de forma indireta, outros países e empresas em escala global.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, verificou-se um desafio relacionado à dificuldade de contato com profissionais da área de câmbio e mercado financeiro, o que impossibilitou a obtenção de depoimentos e percepções práticas sobre o tema. Essa limitação decorre, em parte, da novidade e da complexidade que envolvem o

assunto das moedas digitais, e acabou restringindo o acesso a fontes primárias de dados.

Para estudos futuros, recomenda-se a realização de pesquisas de campo que possibilitem compreender de forma mais aprofundada como as moedas digitais estão sendo utilizadas no ambiente corporativo e financeiro, por meio de entrevistas com profissionais de câmbio, representantes de instituições financeiras e gestores de empresas exportadoras e importadoras. Tais abordagens poderiam enriquecer a análise com dados práticos e percepções diretas sobre o impacto dessas tecnologias nas operações internacionais.

Outra sugestão relevante seria a ampliação do estudo sobre a CBDC chinesa (e-CNY), buscando verificar o grau real de utilização dessa moeda digital pelas empresas chinesas, bem como suas implicações econômicas, políticas e regulatórias. Essa análise permitiria compreender de maneira mais concreta o funcionamento de uma CBDC já em circulação, especialmente relevante diante do fato de que, no Brasil, o Drex ainda se encontra em fase experimental.

Por fim, destaca-se que o cenário regulatório das moedas digitais ainda se encontra em construção e envolve questões sensíveis relacionadas à privacidade dos dados, à segurança das transações e à aceitação social dessas novas formas de moeda. Embora esse tema não tenha sido aprofundado neste estudo, por não compor diretamente seus objetivos, ele representa um campo de investigação essencial para compreender os desafios e oportunidades que acompanham a digitalização do sistema financeiro. A definição de marcos regulatórios claros e equilibrados será fundamental para garantir a confiança dos usuários, proteger a privacidade individual e viabilizar a adoção segura e responsável das moedas digitais pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Franklin and Gu, Xian and Jagtiani, Julapa A., **Fintech, Cryptocurrencies, and CBDC: Financial Structural Transformation in China** (30 de Janeiro, 2022). *Journal of International Money and Finance* (2022), disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=4021436> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4021436>.

ARNOLD, T. **Argentina: Emergency Liquidity Support Through Chinese Central Bank Swap Line and Qatari Loan**. Yale School of Management, 2023. Disponível em: <https://som.yale.edu/story/2023/argentina-emergency-liquidity-support-through-chinese-central-bank-swap-line-and-qatari>. Acesso em: 16 maio 2025.

B3. **Criptoativos — o que é, significado e definição**. Bora Investir. 12 fev. 2025. Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/glossario/criptoativos/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **DREx — Digital Real Experiment: experimento com moeda digital de banco central**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/drex>. Acesso em: 07 mai. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Glossário: Produto Interno Bruto (PIB)**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/glossariopib>. Acesso em: 18 maio 2025.

BANDERA, V. **Construção da ordem internacional capitalista do Pós-II Guerra: ascensão e queda de Bretton Woods**. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 13-26, jan./jun. 2014.

BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS (BIS). **Turnover of OTC foreign exchange instruments**, by currency: “Net-net” basis, April 1992-2025 daily averages, in billions of US dollars (Triennial Survey). Disponível em: https://data.bis.org/topics/DER/tables-and-dashboards/BIS%2CDER_D11_3%2C1.0. Acesso em: 25 abr. 2025.

BARBOSA, M. **Banco Central cria grupo de trabalho para avaliar emissão de moeda digital**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/08/4869923-banco-central-cria-grupo-de-trabalho-para-avaliar-emissao-de-moeda-digital.html>. Acesso em: 15 maio. 2025.

BARCELLOS, T. **Bancos Centrais de Brasil e China assinam acordo de “troca” de moedas**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2025/05/13/bancos-centrais-de-brasil-e-china-assinam-acordo-de-swap-de-moedas.ghtml>. Acesso em: 17 maio. 2025.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BECH, M; R Garratt (2017): “**Central bank cryptocurrencies**”, BIS Quarterly Review, Setembro, pg 55–70.

BILLIG O. A.; Grzybovski G. H. **O USO DAS CRIPTOMOEDAS COMO DINHEIRO E SUA COEXISTÊNCIA COM MOEDAS FIDUCIÁRIAS**. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1922/1488>>. Acesso em: 26 maio. 2025.

BIS. Connecting Economies through CBDC Project mBridge. **Project mBridge: Connecting Economies through CBDC 2** Content. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.bis.org/publ/othp59.pdf>>.

BOAR, C.; WEHRLI, A. Ready, steady, go? - **Results of the third BIS survey on central bank digital currency**. www.bis.org, 27 jan. 2021.

BOT - **Findings from the Multiple Central Bank Digital Currency Bridge (mBridge) Pilot and Next Steps**. Disponível em: <<https://www.bot.or.th/en/news-and-media/news/news-20221026.html>>. Acesso em: 10 maio. 2025.

CBDC Tracker. **CBDC Tracker website**. Disponível em: <https://cbdctracker.org/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CESARATTO, S.; FEBRERO. E. **Central Bank Digital Currencies: a proper reaction to private digital money?** Review of Keynesian Economics, v. 11, n. 4, p. 529–553, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4337/roke.2023.04.05>.

COELHO, Alexandre. **CBDCs no mundo: veja o desenvolvimento das moedas digitais**. Valor Econômico, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/criptomoedas/noticia/2023/12/07/cbdcs-no-mundo-veja-o-desenvolvimento-das-moedas-digitais.ghtml>. Acesso em: 3 maio 2025.

COINBASE. **Preço de Tether (USDT)**. Disponível em: <https://www.coinbase.com/pt-br/price/tether>. Acesso em: 05 jun. 2025.

CONG, L. W.; MAYER, S. **Strategic digitization in currency and payment competition**. Journal of Financial Economics, v. 168, p. 104055, 4 abr. 2025.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. E-book. p.45. ISBN 9788565848893. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848893/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021. E-book. p.176. ISBN 9786581334192. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786581334192/>. Acesso em: 26 out. 2025.

DATHEIN, R. **De Bretton Woods à Globalização Financeira: Evolução, Crise e Perspectivas do Sistema Monetário Internacional***. [2003]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2017/02/TD05_2003_dathein.pdf>.

DE LA BALZE, F. A. (2019). **La lucha por la hegemonía mundial** (Estados Unidos, China y Argentina): Especial 100 años de las Relaciones Internacionales. *Estudios Internacionales*, 51(194), 195–209.

EICHENGREEN, Barry. **Exorbitant Privilege: The Rise and Fall of the Dollar and the Future of the International Monetary System**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FARHI, M. **Revelações da crise: moeda fiduciária e as relações Tesouro/Banco Central**. Disponível em: <https://www.academia.edu/68192406/Revela%C3%A7%C3%B5es_da_crise_moeda_fiduci%C3%A1ria_e_as_rela%C3%A7%C3%B5es_Tesouro_Banco_Central>. Acesso em: 18 abr. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008. E-book. p. Capa. ISBN 9788536318523. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536318523/>. Acesso em: 31 mai. 2025.

FLORES GÁLVEZ, J. N.; MATA HERNÁNDEZ, J. M. **CBDC-MXN: Challenges and Perspectives in The Implementation as a Mexican Digital Currency**. *Mercados y Negocios*, [S. l.], n. 49, p. 3–20, 2023. DOI: 10.32870/myn.vi49.7689. Disponível em: <http://mercadosynegocios.cucea.udg.mx/index.php/MYN/article/view/7689>. Acesso em: 12 oct. 2025.

GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.70. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559771653/>. Acesso em: 31 mai. 2025.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. E-book. p.75. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770496/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

GRASSELLI, M. R.; LIPTON, A. **Cryptocurrencies and the Future of Money**. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2109.10177>>.

HOOIJMAAIJERS, Bas. **The BRICS Countries' Bilateral Economic Relations, 2009 to 2019: Between Rhetoric and Reality**. SAGE Open, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 1–14, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/21582440211054128>. Acesso em: 16 maio 2025.

HUNG, Ho-fung. **A Guerra Fria, a China e a ascensão e queda da hegemonia do dólar americano**. In: VIEIRA, Rosângela de Lima. O Brasil, a China e os EUA: na atual conjuntura da economia-mundo capitalista. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 15-48.

INFOMONEY. **O que é BRICS e qual a importância do grupo para a economia**. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/brics/>.

INVESTING - **Valor Bitcoin em Dólar Americano** hoje (Bitfinex). Disponível em: <https://br.investing.com/crypto/bitcoin/btc-usd>. Acesso em: 26 abr. 2025.

KILSZTAJN, S. **O Acordo de Bretton Woods e a evidência histórica**. O sistema financeiro internacional no pós-guerra. Brazilian Journal of Political Economy, v. 9, p. 538–550, 26 jan. 2024.

LASTRA, R. M. **En defensa del dinero público digital**. El Trimestre Económico, p. 1007–1032, out. 2022.

LE, A., Copestake, A., Tan, B., Papageorgiou, E., Peiris, S. J., & Rawat, U. (2023). **Macro-Financial Impacts of Foreign Digital Money**. IMF Working Papers, 2023(249). Disponível em <https://doi.org/10.5089/9798400261107.001>

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.32. ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 9. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. E-book. p.91. ISBN 9788597026610. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597026610/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

MARIUTTI, E. B. **Os Estados Unidos e a Ordem Internacional Contemporânea: notas** - OPEU. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2019/09/19/os-estados-unidos-e-a-ordem-internacional-contemporanea-notas/?utm>. Acesso em: 18 maio. 2025.

MARMEFELT, T. **Central Bank Digital Currencies and International Crises: Toward an Authoritarian International Monetary Order?** Politics and Governance, v. 12, 17 out. 2024.

MORAES, Alexandre Fernandes de. **Bitcoin e Blockchain: a revolução das moedas digitais**. Rio de Janeiro: Expressa, 2021. E-book. p.12. ISBN 9786558110293. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786558110293/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

MORGAN, J. **Systemic stablecoin and the brave new world of digital money**. Cambridge Journal of Economics, 9 fev. 2023.

MYNT. **Quais são as stablecoins mais populares?** Mynt Academy. Disponível em: <https://www.mynt.com.br/academy/criptoativos-moedas-e-protocolos/quais-sao-as-stablecoins-mais-populares/>. Acesso em: 07 jun. 2025.

NAKAMOTO, S. **Bitcoin: a Peer-to-Peer Electronic Cash System** bitcoin.org. [s.l.] bitcoin.org, 2008. Disponível em: <<https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>>.

NEDEL, A. **A gênese do dinheiro**. Saber Humano, n. 4, p. 156–173, 29 abr. 2019.

ORIGEM DO DINHEIRO - **Casa da Moeda do Brasil**. Disponível em: <<https://www.casamoaeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html>>.

OZILI, Peterson K, Nigeria cNGN Stablecoin: **Everything You Need to Know About cNGN and eNaira CBDC** (20 de Abril de 2024). Blockchain Applications for Smart Contract Technologies, Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=4806043> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4806043>.

PERUFFO, L.; CUNHA, A. M.; BICHARA, J. D. S. **O sistema monetário e financeiro internacional e a revolução digital**: perspectivas para os países emergentes e em desenvolvimento. Brazilian Journal of Political Economy, v. 44, n. 3, 2024.

PYMNTS. New Report: **58 Percent Of Multinational Firms Are Using Cryptocurrency** | PYMNTS.com. Disponível em: <<https://www.pymnts.com/cryptocurrency/2021/new-report-58-percent-of-multinational-firms-are-using-cryptocurrency/>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

RAGAZZO, Carlos; CATALDO, Bruna. **Moedas digitais: entenda o que são criptomoedas, stablecoins e CBDCs (White Paper)**. Setembro de 2021. Disponível em: <https://propaguebackup.blob.core.windows.net/images/2021/09/Diagramacao-White-Paper-Moedas-Digitais.pdf> . Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, R J D. **Economia monetária e mercado de capitais** / Renato José da Silva, Adelano Pasold, Jurandir Domingues Júnior, Leuter Cardoso Duarte Júnior. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017

SONODA, Lígia A. Cavazzana. **O Sistema Monetário Internacional Atual e o uso dos Direitos Especiais de Saque**. 2014. 86 páginas. Trabalho de Conclusão de

Curso (Graduação) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SUPRINYAK, C. E. **Moeda, tesouro e riqueza: uma anatomia conceitual do mercantilismo britânico do início do século 17**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 39, n. 3, p. 571–596, set. 2009.

SWIFT. **Live trials of digital asset transactions on Swift to start in 2025** | Swift. Disponível em: <<https://www.swift.com/news-events/news/live-trials-digital-asset-transactions-swift-start-2025>>.

TETHER. **Tether — official home**. Disponível em: <https://tether.to/en/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

THE WHITE HOUSE. **Strengthening American Leadership in Digital Financial Technology** – The White House. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/01/strengthening-american-leadership-in-digital-financial-technology/>>.

TOLOTTI, R. **Stablecoins e CBDCs: entenda essas duas classes de criptos** | InvestNews. Disponível em: <<https://investnews.com.br/financas/stablecoins-e-cbdcs-entenda-essas-duas-classes-de-criptos/>>. Acesso em: 24 maio. 2025.

TRADINGVIEW. **Crypto Total Market Cap Chart — TradingView**. Disponível em: <<https://www.tradingview.com/markets/cryptocurrencies/global-charts/>>.

UNCTAD. **World Investment Report 2024**. Disponível em: <<https://unctad.org/publication/world-investment-report-2024>>.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; BRAGA, Marcio Bobik. **Economia: micro e macro**. São Paulo: Grupo GEN, 2023. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559774968>. Acesso em: 18 abr. 2025.

VERGARA, Sylvia C. **Métodos de Pesquisa em Administração**, 6ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2015. E-book. p.Capa. ISBN 9788522499052. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522499052/>. Acesso em: 31 mai. 2025.

WALL STREET JOURNAL. **Tether has become the de facto dollar of the crypto economy**. 2024. Disponível em: <https://www.wsj.com/finance/currencies/tether-crypto-us-dollar-sanctions-52f85459>. Acesso em: 3 maio 2025.

XU, Jiaxin. **View of Research on the impact of mBridge on the existing cross-border trading system**. Disponível em: <<https://www.deanfrancispress.com/index.php/fe/article/view/1968/FE003622.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2025.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. E-book. p.2. ISBN 9788584290833. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290833/>. Acesso em: 26 out. 2025.

APÊNDICE A - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Curso de Comércio Internacional – Caxias do Sul

Meu nome é Iuri Pruni Rodrigues, sou estudante do curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul. O presente protocolo foi elaborado com o propósito de orientar a observação realizada em evento sobre moedas digitais. Seu desenvolvimento teve como objetivo servir de base para a identificação e registro das discussões mais pertinentes ao tema da pesquisa, auxiliando na coleta de dados. A partir dessa observação, busca-se compreender o papel das Moedas Digitais de Bancos Centrais (CBDCs) e das stablecoins na disputa pela ordem monetária internacional entre China e Estados Unidos.

PROTOCOLO:

1. Qual é o perfil profissional do palestrante? Qual sua área de atuação? Há quanto tempo estuda sobre o assunto?
2. Avaliação do cenário atual do sistema financeiro internacional e identificação dos fatores mencionados para explicar a predominância do dólar como principal moeda no comércio global.
3. Perspectivas destacadas sobre iniciativas, especialmente de países em desenvolvimento, voltadas à redução da dependência do dólar em suas economias.
4. Observações relativas à avaliação da internacionalização do renminbi (yuan) e seu papel crescente no sistema financeiro internacional.
5. Considerações apresentadas sobre o potencial das moedas digitais para influenciar o mercado de câmbio internacional.
6. Mudanças práticas no cotidiano do mercado e das empresas mencionadas como consequência do surgimento e expansão das moedas digitais.
7. Indicações de como os mercados de câmbio tradicionais podem se adaptar ao aumento da circulação das moedas digitais

8. Desafios apontados para implementação e consolidação das moedas digitais de bancos centrais (CBDCs), como o Drex no Brasil e o e-CNY na China, e efeitos potenciais sobre os pagamentos internacionais.
9. Avaliação das possibilidades de adesão às stablecoins lastreadas em dólar por outros países e agentes do comércio internacional, conforme discutido na palestra.
10. Observações sobre a existência de estratégias distintas entre China e Estados Unidos no campo das moedas digitais e possíveis indícios de disputa por influência na economia internacional.
11. Perspectivas apresentadas sobre como essa disputa pode afetar o papel do dólar e do renminbi/yuan no sistema financeiro global a médio e longo prazo.
12. Registro de aspectos adicionais ou questões levantadas durante o evento que despertem interesse ou que mereçam análise mais aprofundada.